

PESQUISAS ANTIRRACISTAS NO PROJETO AFROCIENTISTA



ESCREVENDO O DO



Organização

MARCELO VITOR RODRIGUES NOGUEIRA
JEFFERSON RAFAEL DE OLIVEIRA SOUZA
LUCIANE RIBEIRO DIAS GONÇALVES
LAÍS RODRIGUES DOS SANTOS



ESCREVIVENDO

PESQUISAS ANTIRRACISTAS NO PROJETO AFROCIENTISTA

Organização

MARCELO VITOR RODRIGUES NOGUEIRA
JEFFERSON RAFAEL DE OLIVEIRA SOUZA
LUCIANE RIBEIRO DIAS GONÇALVES
LAÍS RODRIGUES DOS SANTOS

EDITORA BAOBÁ

Marcelo Vitor Rodrigues Nogueira
Editor Chefe

Fabiano Nogueira do Nascimento
Editor Assistente

Luciane Ribeiro Dias Gonçalves
Diretora Pedagógica

CONSELHO EDITORIAL

Lara Luíza Silva Gomes Franco (SRE - PARACATU)

Luiz Gustavo de Souza Araújo (ONG VÂNIA LAFIT)

Maria Aparecida Augusto Satto Vilela (UFU)

Marivânia Xavier Cavalcanti Costa (SMEEL)

Nicola Fratari (UNICAMP)

Rafaela Rodrigues Nogueira (SMEEL)



ESCREVIVENDO

PESQUISAS ANTIRRACISTAS NO PROJETO AFROCIENTISTA

PROJETO

Acolhida Preta: escritivências

"Este projeto contou com fomento da Pró-reitoria de Extensão e Cultura (Proexc) e a Pró-reitoria de Assistência Estudantil (Proae) da Universidade Federal de Uberlândia, por meio do EDITAL PROEXC Nº 26/2023 PROGRAMA DE OCUPAÇÃO DO CENTRO DE MEMÓRIA DA CULTURA NEGRA GRAÇA DO ACHÉ 2023 EDIÇÃO UFU 45 ANOS."

Todos os direitos autorais são protegidos pela Lei nº 9.610/98.

Organizadores: Marcelo Vitor Rodrigues Nogueira, Jefferson Rafael de Oliveira Souza, Laís Rodrigues dos Santos e Luciane Ribeiro Dias Gonçalves.

Editor da Publicação: Marcelo Vitor Rodrigues Nogueira.

Projeto Gráfico: Marcelo Vitor Rodrigues Nogueira e Fabiano Nogueira do Nascimento.

Revisão e diagramação: Fabiano Nogueira e Editora BAOBÁ.

Colaboradores (organização): Fabiano Nogueira do Nascimento e Luiz Gustavo de Souza Araújo.

Conselho editorial: Lara Luíza Silva Gomes Franco (SRE - PARACATU); Luiz Gustavo de Souza Araújo (ONG VÂNIA LAFIT); Maria Aparecida Augusto Satto Vilela (UFU); Marivânia Xavier Cavalcanti Costa (SMEEL); Nicola Fratari (UNICAMP); Rafaela Rodrigues Nogueira (SMEEL).

ESCREVIVENDO - Pesquisas antirracistas no Projeto Afrocientista [livro eletrônico] / organização Marcelo Vitor Rodrigues Nogueira, Luciane Ribeiro Dias Gonçalves, Laís Rodrigues dos Santos, Jefferson Rafael de Oliveira Souza; [fotografia Fabiano Nogueira]. -- Ituiutaba, MG : EditoraBaoba, 2024.
PDF

ISBN: 978-65-998027-8-2

1. Cultura - Ituiutaba (MG) - História
2. Racismo - Ituiutaba (MG) - Projetos
3. Pesquisas - Ituiutaba (MG) - Relações étnico-raciais

I Nogueira, Marcelo Vitor Rodrigues. II. Gonçalves, Luciane Ribeiro Dias III. Santos, Laís Rodrigues dos. IV. Souza, Jefferson Rafael de Oliveira. V. Nascimento, Fabiano Nogueira do. VI. Série.

22-113807

CDD-778,9098151

Editora BAOBÁ

CNPJ nº : 45.970.439/0001-85

Rua: Das Margaridas, 226. Residencial Cidade Jardim-Ituiutaba-MG, CEP: 38307-843.

Cel./Whatsapp: 34 997744890

editorabaobapontal@gmail.com

www.associacaobaoba.com/editorabaoba

SUMÁRIO

A HISTÓRIA DOS CISNES NEGROS E O RACISMO NO BALLET..11

Autor: Gabriel Cândido Paranhos da Silva

AS MANIFESTAÇÕES DO AMOR NA EDUCAÇÃO FAMILIAR DA POPULAÇÃO NEGRA: um percurso pela obra de bell hooks.....17

Autoras: Ana Clara Faria Novais e Lais Rodrigues dos Santos

BLACK ECONOMIC EMPOWERMENT: da experiência sul-africana à promoção de um protagonismo econômico da população negra brasileira.....23

Autores: Higor Gabriel Dias Gonçalves dos Santos e Tarcísio Luiz Cândido

DECOLONIALIDADE E REPRESENTAÇÃO NA SÉRIE SUPER CHOQUE: uma perspectiva da filosofia afro-brasileira29

Autores: Luiz Eduardo da Silva Lopes e Carlos Antônio dos Santos

ESCRITORES NEGROS: vida, obra e influência política para a sociedade brasileira e a luta antirracista.....36

Autores: Lucas Matheus Martins dos Santos e Luciane Ribeiro Dias Gonçalves

FUTEBOL X RACISMO: reflexões sobre os atos racistas praticados contra o jogador Vini Jr.....42

Autores: Hendrick Lucas Nunes da Silva Santos, Marcelo Vitor Rodrigues Nogueira e Laís Rodrigues dos Santos

S U M Á R I O

HOMENS NEGROS E AUTOESTIMA A PARTIR DOS CORTES DE CABELO.....48

Autores: Pedro Henrique Silva Dutra e Herlan Oliveira Matildes

MARCHA, MARCHA DOBRADA, MORRO ACIMA, MORRO ABAIXO: O TERNO CONGO RAÍZES SÃO BENEDITO E SUAS CONTRIBUIÇÕES NO PROCESSO EDUCACIONAL.....54

Autores: Humbeth Yan Alves, Marcelo Vitor Rodrigues Nogueira e Lais Rodrigues dos Santos

MELODIAS DA RESISTÊNCIA: músicas afro-brasileiras e identidade cultural.....58

Autores: Carolina Marques Domingues Oliveira e Leonardo Araujo Borges

MULHERS NEGRAS NUMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO FEDERAL: Estudo de Caso.....67

Autoras: Isabella Cristina Teles Lopes e Luciane Ribeiro Dias Gonçalves

TRANSIÇÃO CAPILAR DE MULHERES NEGRAS EM ITUIUTABA.....79

Autoras: Maria dos Santos Silva e Damires dos Santos Pereira

Apresentação

O que é um /a cientista na realidade? Ser cientista não é nada mais que uma pessoa que, utilizando de metodologia científica, busca responder suas curiosidades sobre o mundo em que vive. Desta forma que os Afrocientistas, da Universidade Federal de Uberlândia, Campus Pontal, tem olhado para tudo que os cerca. São um grupo de “curiosos/as científicos/as” que, além de se descobrirem que ser jovens negros/as tem suas particularidades provocadas pelo racismo, buscaram compreender o mundo em volta deles e explicar suas principais curiosidades.

Por isso, aqui apresentamos as principais abelhudices desses/as jovens estudantes negros/as cientistas. Neste boletim eles/as apresentam como são variadas e instigantes as perguntas que fazem sobre o universo em volta deles. Por isso vocês encontrarão temas ballet, amor, economia, super-herói, escritores, futebol, cabeleireiro, congada, ocupação de cargos em empresas e transição capilar como temáticas de pesquisas realizadas por eles. Os/as afrocientistas debruçam sobre seus temas de pesquisa a partir de suas vivências pessoais. Para além da neutralidade científica eurocêntrica, eles/as subvertem apontando para a necessidade da pesquisa “envolvida”, como diria Nego Bispo, com sua vida. Pesquisa contra colonial.

Nesse caminho metodológico e de vida, temos que agradecer a Laís Rodrigues pelo empenho em ser a bolsista coordenadora dos/as Afrocientistas e oportunizar a possibilidade de personificar a pesquisa. Laís incentivou e possibilitou que cada Afrocientista pudesse escolher a “curiosidade” que gostaria de interrogar no mundo. Desta forma, surgiram tantos temas de pesquisa com a riqueza que a vida tem. Somando-se a ela, pessoas com uma caminhada já consolidada na pesquisa científica,

PESQUISAS ANTIRRACISTAS NO PROJETO AFROCIENTISTA

veem colaborar orientando os/as pesquisadores/as de iniciação científica júnior – Afrocientistas. Assim, destacamos os orientadores/as Laís Rodrigues dos Santos, Tarcísio Luiz Cândido, Carlos Antônio dos Santos, Luciane Ribeiro Dias Gonçalves, Marcelo Vitor Rodrigues dos Santos, Herlan Oliveira Matildes, Leonardo Araújo Borges, Damires dos Santos Pereira, com suas vidas-carreiras acadêmicas em fases distintas, mas com o compromisso de abrir caminhos para os/as mais novos/as na pesquisa. Compromisso vindo de suas próprias africanizadas que vivenciavam nas suas vidas de pessoas negras antes da universidade, e que se intensificou na universidade. São pesquisadores/as negros/as que nos orgulham com o fazer científico transformador. Obrigada por darem asas às curiosidades de nossos/as Afrocientistas e mostrarem o engajamento científico.

Afrocientistas Ana Clara Faria Novais, Carolina Marques Domingues Oliveira, Gabriel Cândido Paranhos da Silva, Hendrick Lucas Nunes da Silva Santos, Higor Gabriel Dias Gonçalves, Humbeth Yan Alves, Isabella Cristina Teles Lopes, Luiz Eduardo da Silva Lopes, Hendrick Lucas Nunes da Silva Santos, Maria dos Santos Silva e Pedro Henrique Silva Dutra, continuem questionando as “verdades” postas. Continuem sendo curiosos/as. Isso que ajudará que vocês superem várias barreiras impostas a toda população negra, em especial a cada um de vocês.

Desejamos que cada leitor/a deste boletim também seja “curioso/a” e possa ter contato com essas nossas “curiosidades”, que como diria Conceição Evaristo, nossas escrevivências. Quem sabe assim possamos ver a pesquisa científica como ela deve ser: Humana.

Boa leitura.

Marcelo Vitor Rodrigues Nogueira
Jefferson Rafael De Oliveira Souza
Luciane Ribeiro Dias Gonçalves
Laís Rodrigues Dos Santos



“

A dança é uma linguagem universal do corpo, que expressa sentimentos e a diversidade da vida sem distinção.

Gabriel Cândido Paranhos da Silva

”

A HISTÓRIA DOS CISNES NEGROS E O RACISMO NO BALLET

Gabriel Cândido Paranhos da Silva

O ballet clássico surgiu na corte francesa no século XVII como uma forma de entretenimento aristocrático. O primeiro ballet clássico registrado foi “Ballet de la nuit”, apresentado em 1653 em Paris. O ballet clássico se desenvolveu ao longo dos séculos XVIII e XIX, que era que normalmente apresentado em banquetes e festas aristocráticas tendo a adição de técnicas de pontas, arabesques, piruetas e que originalmente foi performado por bailarinos homens, porém com o passar dos anos se tornou uma arte majoritariamente feminina surgindo então o preconceito com os bailarinos masculinos, ocorrendo durante o período renascentista Santos et al. (2015). Em contrapartida, também estava ocorrendo a colonização europeia, a invasão do continente americano e o processo escravocrata, enquanto a população branca europeia se voltava para o ballet, a população negra e indígena estavam passando pelo horror da escravidão. A vida da população negra era extremamente humilhante e cansativa, sendo forçados a trabalhar durante muitas horas exaustivamente sem nem um tipo de remuneração, além de lugares totalmente precários para moradia. Eles viveram assim durante anos até a abolição da escravatura no final do século XIX Felipe (2019).

As pessoas negras enfrentaram muitas barreiras e preconceitos para entrar no ballet clássico, que era visto como uma arte exclusiva dos brancos. Algumas das primeiras bailarinas negras foram Raven Wilkinson, que integrou o Ballet Russe de Montecarlo em 1955, e Janet Collins, que se tornou a primeira bailarina negra do Metropolitan Opera Ballet em 1951. Elas abriram caminho para outras gerações de bailarinos negros que buscavam seu espaço no mundo do ballet. Segundo o jornal Esquerda Diário, Janet Collins desafiou as leis da segregação racial ao se tornar a primeira bailarina negra do Metropolitan Opera, enquanto Raven Wilkinson de acordo com Granma, após assistir ao show de Coppelia decidiu dedicar sua vida a arte do ballet, então com fundos dados por um tio, ela se matriculou na Academia de Swoboda, anos depois em 1966 ela conseguiu contrato com o Dutch National Ballet e

desde então ela foi uma grande inspiração, não só ela, mas Janet Collins também inspiram os futuros bailarinos e bailarinas na nossa sociedade. Nossos principais dançarinos negros e que nos representam são Arthur Mitchell e Ismael Ivo.

Arthur Mitchell foi o primeiro bailarino afro-americano a dançar na companhia do New York City Ballet, onde alcançou o cargo de primeiro bailarino. Ele dançou papéis importantes em obras de George Balanchine, como *Agon* e *A Midsummer Night's Dream*, Jackson (2019). Em 1969, Mitchell inaugurou a escola de ballet clássico Dance Theatre of Harlem a fim de oferecer as crianças da comunidade de Harlem uma oportunidade de dançar, Latham (1973). Ele foi um pioneiro e um mentor para muitos bailarinos negros que seguiram seus passos, Arthur Mitchell recebeu vários prêmios e honrarias ao longo de sua carreira, prêmios esses como; Kennedy Center Honors, MacArthur Fellow, U.S National Medal of Arts e o Heinz Award in the Arts and Humanities, Latham (1973). Mitchell foi o primeiro diretor negro de Bienal de Veneza, além de ser o primeiro negro e estrangeiro a dirigir o Teatro Nacional Alemão, em Weimar, Jackson (2019).

Ismael Ivo foi um bailarino e coreógrafo brasileiro que se destacou internacionalmente por sua técnica e expressividade, Ferreira (2021). Ele começou a dançar aos 13 anos em São Paulo e logo chamou a atenção de grandes nomes da dança, como Alvin Ailey e Maurice Béjart, Ferreira, (2021). Dançou em companhias como o Ballet da Ópera de Berlim, o Teatro Nacional de Mannheim e o Teatro Nacional de Weimar, também foi diretor artístico da Bienal de Veneza e do Balé da Cidade de São Paulo, Ferreira (2021). Fundou o festival de dança contemporânea ImPulsTanz em Viena, trabalhando com Pina Bausch, William Forsythe e Marina Abramovic. Dirigindo também o Festival de Dança de Viena e o setor de dança da Bienal de Veneza, Ferreira (2021). Ele voltou para o Brasil em 2017 para dirigir o Balé da Cidade de São Paulo, sendo o primeiro negro a ocupar esse cargo, Ferreira (2021).

Os bailarinos homens e negros viviam com o racismo no ballet clássico de diversas formas Cezarino e Porto (2017). Eles sofriam discriminação por parte de diretores, colegas, críticos e público, que muitas vezes questionavam sua capacidade, talento e adequação ao estilo clássico (Reis e Teixeira, 2023). Eles também enfrentavam dificuldades para conseguir papéis principais, figurinos adequados, patrocínios e reconhecimento, Reis e Teixeira (2023). Eles tinham que provar constantemente seu valor e superar os estereótipos que os limitavam, muitos dos bailarinos negros que entravam no mundo do balé usavam diferentes caminhos,

como a influência das culturas africanas, a resistência à escravidão, a busca por oportunidades e o reconhecimento de seu talento, Dixon (1990). Alguns dos ritmos e estilos que os homens negros contribuíram ou criaram são; a capoeira, o samba, o jazz, o hip-hop, dança afro-brasileira e o balé clássico, Dixon (1990).

Passaram muitos anos convivendo com o racismo e o preconceito de gênero no balé, enfrentando diversos desafios, como a falta de representatividade, a discriminação nas audições e nos papéis, a dificuldade de acesso à formação e aos recursos, e os estereótipos sobre sua masculinidade e sua expressão artística, Dixon (1990). Eles também buscavam superar essas barreiras através da persistência, da valorização de sua identidade e cultura, da criação de espaços próprios e da inspiração em outros bailarinos negros que abriram caminho para eles, Dixon (1990).

Referência

CEZARINO, G.; PORTO, E. O corpo no ballet clássico: as vozes dos bailarinos. **Revista CPAQV** -Centro de Pesquisas Avançadas em Qualidade de Vida. Vol. 9. Num. 4. 2017. p. 2-9.

DA SILVA TEIXEIRA, L.; REIS, M. C. G. **A QUESTÃO RACIAL NO BALLET CLÁSSICO DA CIDADE DE CAMPOS DOS GOYTACAZES/RJ.**

DIXON, B. “**Black Dance and Dancers and the White Public: A Prolegomenon to Problems of Definition.**” *Black American Literature Forum*, 24 (Spring 1990): 117-123. DOI: 10.2307/2904070.

FELIPE, D. A. A história da população negra no Brasil e os Direitos Humanos: Uma conversa necessária em tempos de intolerância. **Revista eletrônica trilhas da história**, [S. l.], 28 jun. 2019.

FERREIRA, J. O. de. et al. **A dança negra de Ismael Ivo: a antropofagia de si como recurso para fazer dança como arte.** 2021.

JACKSON, L. P 2019. **Black Swans Shattering the Glass Ceiling: A Historical Perspective on the Evolution of Historically Black Ballet Companies— From Katherine Dunham to Arthur Mitchell.** Master's thesis, Harvard University Division of Continuing Education.

HOZ, P. de la. Raven Wilkinson lutou contra o racismo. *Granma*, [S. l.], 10 jan. 2019.
PEREIRA, Mariana. Janet Collins e a negritude no Balé. **Esquerda diário**, [S. l.], p. 1, 23 fev. 2017.

A HISTÓRIA DOS CISNES NEGROS E O RACISMO NO BALLET

Gabriel Cândido Paranhos da Silva

SANTOS, R. F. dos; FERRAZ, S. C.; ALMEIDA, M. A. B. de; GUTIERREZ, G. L. **A dança como prática de lazer:** algumas reflexões sobre homens, gênero e o balé clássico. *Pensar a prática*, v. 18, n. 2, 2015.



“

“A criação e educação familiar é a base de tudo”

Ana Clara Faria Novais

”



AS MANIFESTAÇÕES DO AMOR NA EDUCAÇÃO FAMILIAR DA POPULAÇÃO NEGRA: UM PERCURSO PELA OBRA DE BELL HOOKS

**Ana Clara Faria Novais
Lais Rodrigues dos Santos**

O presente resumo tem como objetivo apresentar as notas iniciais da pesquisa intitulada como: “As manifestações do amor na educação familiar da população negra: um percurso pela obra de bell hooks” que se realizou durante o projeto Afrocientistas e Iniciação Científica Jr., que tem por finalidade o despertar da vocação científica e o incentivo ao ingresso no ensino superior entre estudantes negros/as do ensino médio. É um projeto que tem sido desenvolvido pelo Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígena (NEABi PONTAL), pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Campus Pontal, desde o ano de 2019.

A pesquisa utilizou-se de ferramentas metodológicas bibliográficas, e teve como base o livro “Tudo sobre amor: novas perspectivas (2020)” de bell hooks que serviu como alicerce para a nossa análise. Utilizamos também o texto “Vivendo de amor” (2006), com objetivo de compreender as manifestações do amor para as famílias pretas escravizadas e sua influência desde esse contexto até os dias atuais.

Nesse sentido, a pesquisa consistiu em uma leitura ativa de textos e artigos, bem como o fichamento dos mesmos, para que fosse possível o alcance de possíveis considerações acerca da nossa problemática que perpassa pelo questionamento sobre: Como a obra de bell hooks nos ajuda a compreender as manifestações de amor nas relações de afeto das comunidades negras e como essa repressão do *sentir-se amado e amar* desde a época da escravatura influência e reverbera nas criações e dinâmicas familiares atualmente.

Gloria Jean Watkins adotou o pseudônimo “bell hooks” como forma de prestígio a sua bisavó materna, Bell Blair Hooks e a escolha pela escrita em letras minúsculas tem a ver

com a ideia de que, para hooks, mais importante que sua identificação, são suas ideias, seus conteúdos. Nascida na década de 1950 no sul segregado dos Estados Unidos, hooks foi uma influente autora no âmbito do feminismo negro, incluindo os debates de raça, classe, gênero, educação, e da justiça racial e social. bell hooks foi professora e ativista antirracista. A autora foi para a ancestralidade no ano de 2021, mas deixou seu legado de luta, compromisso e esperança em todo o mundo.

Com propósito de levantar compreensões profundas sobre bloqueio geral do povo preto na *arte* de amar, hooks aborda no texto “Vivendo de amor” (2006) que essa dificuldade vem desde o período escravocrata, em um cenário onde os/as escravizados/as eram expostos/as constantemente aos diversos tipos de violências pelos senhores do engenho.

Num contexto onde os negros nunca podiam prever quanto tempo estariam juntos, que forma o amor tomaria? Praticar o amor nesse contexto poderia tornar uma pessoa vulnerável a um sofrimento insuportável. De forma geral, era mais fácil para os escravos se envolverem emocionalmente, sabendo que essas relações seriam transitórias. A escravidão criou no povo negro uma noção de intimidade ligada ao sentido prático de sua realidade. Um escravo que não fosse capaz de reprimir ou conter suas emoções, talvez não conseguisse sobreviver. (HOOKS apud WERNECK, 2006, p.190)

O trecho citado fundamenta nosso entendimento sobre como a escravização do corpo negro foi desumanizadora ao ponto de suprimir nossas emoções e nossa capacidade de amar e sermos amados/as. Nesse ponto, em Lições de amor na infância, texto que compõe a obra “Tudo sobre amor”, bell hooks acrescenta perspectivas sobre a infância, quando diz que:

Gostamos de imaginar que a maioria das crianças nascerá em lares nos quais serão amadas. No entanto, o amor não estará presente se os adultos que se tornaram pais não souberem amar. Embora muitas crianças sejam criadas em lares nos quais recebem certo nível de cuidado, talvez o amor não seja constante ou sequer esteja presente. Adultos de diferentes classes sociais, raças e gêneros culpam a família. Seus relatos expressam mundos infantis onde não havia amor — onde o caos, a negligência, o abuso e a coerção reinavam supremos. (HOOKS, 2020, p.54-55)

A escravização de nossos corpos moldou violentamente e sistematicamente - nossa subjetividade e nossa identidade. Moldou, ainda, como nos relacionamos e marcou como nos entendemos no mundo. bell hooks entende o conceito de amor como mais que um sentimento, ela compreende que o amor está em nossas ações cotidianas. Para ela, o amor é uma escolha, um compromisso. Amor é atitude.

Essa perspectiva remonta em nossas memórias como nossos pais demonstram seus afetos para seus filhos: a partir da garantia da sobrevivência. Quando nossos pais garantem para nós, com o máximo de esforço, tudo aquilo que não tiveram, eles estão nos amando.

E como nossos pais foram criados, dita muito sobre como aprenderam a sentir o amor e assim “repassá-lo”. Para bell hooks, a nossa família é nossa primeira escola de valores e crenças. É dessa forma que entendemos que a educação na qual nossos familiares foram condicionados tem afetado, historicamente e subjetivamente na maneira como o amor será manifestado a nós. Ainda no texto *Justiça: lições de amor na infância*, hooks, aborda sobre como grande parte dos pais afirmam que utilizam de punições físicas como justificativa de que aquela violência é porque existe amor:

Nós aprendemos sobre o amor na infância. Seja nosso lar feliz ou problemático, nossa família funcional ou disfuncional, é essa a primeira escola do amor. Não consigo me lembrar de sequer ter vontade de pedir aos meus pais que definissem o amor. Para a minha mente infantil, o amor era o sentimento bom que você tinha quando seus familiares te tratavam como se você importasse, e você os tratava como se eles importassem. O amor esteve sempre e apenas associado a se sentir bem. No início da adolescência, quando apanhávamos e nos diziam que essas punições eram “para o nosso próprio bem” ou “estou fazendo isso porque te amo”, meus irmãos e eu ficávamos confusos. Por que uma punição severa era um gesto de amor?

Mas para hooks, não existe amor nos atos de abuso (2020).

No prólogo de **A criação do amor**, John Bradshaw chama de “mistificação” essa confusão em relação ao amor: Fui criado acreditando que o amor está enraizado nos relacionamentos familiares. Você ama naturalmente qualquer pessoa da sua família. O amor não é uma escolha. O amor que me ensinaram estava preso ao dever e à obrigação. [...] Minha família me ensinou as regras e as crenças da nossa cultura quanto ao amor. [...], mesmo com as melhores intenções, nossos pais muitas vezes confundiram o amor com o que hoje em dia chamaríamos de abuso.

O que temos buscado a compreender com essa pesquisa, que ainda se encontra em sua primeira fase, é a reflexão sobre como nossos pais aprenderam a amar, e como esse amor que aprenderam têm moldado as dinâmicas familiares e a subjetividades das crianças negras no seu desenvolvimento sócio-emocional. Sobretudo porque para a autora, é fundamental que pais criem suas crianças a partir de uma disciplina amorosa, que os ensine ao amor, mesmo quando mais que um sentimento, é um bolo com vários ingredientes como: responsabilidade, compromisso, carinho e confiança (hooks, 2020) e onde há amor, não há lugar para injustiças.

Para concluir, e ao refletir as relações entre pais e filhos/as pretas ao meu redor familiar, percebo bell hooks para além da teoria. Quando ao lê-la, é possível compreender que as dinâmicas de afeto ainda continuam a reverberar em nossas casas.

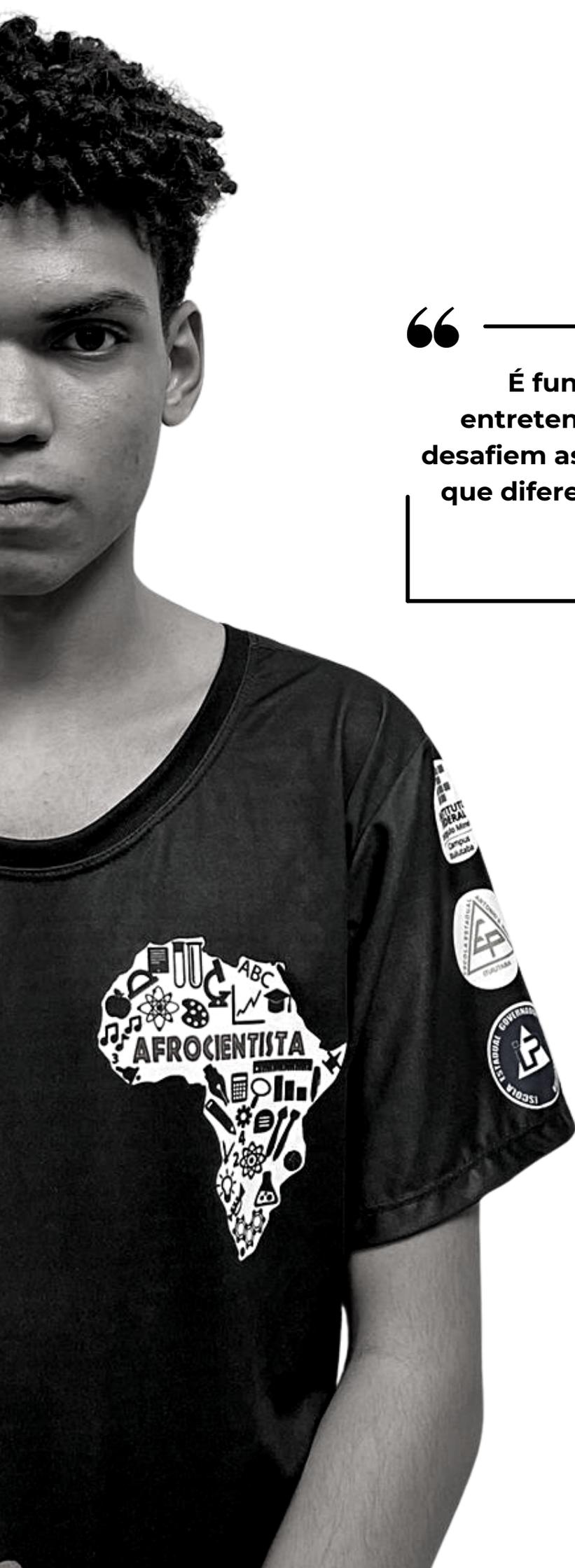
REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. Blog de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia. **Bell Hooks**. V. 7, N. 2, 2021, p. 21-33. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/bell-hooks/> . Acesso em: 9. mai 2023

HOOKS, b. Vivendo de amor. In: WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maisa; WHITE, Evelyn C. (org.). **O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe**. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

HOOKS, b. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2020c.





“

É fundamental que a indústria de entretenimento promova narrativas que desafiem as estruturas opressivas e permitam que diferentes perspectivas sejam ouvidas.

Luiz Eduardo da Silva Lopes

”

BLACK ECONOMIC EMPOWERMENT: da experiência sul-africana à promoção de um protagonismo econômico da população negra brasileira

Higor Gabriel Dias Gonçalves dos Santos

Tarcísio Luiz Cândido

O trabalho aqui apresentado faz parte das atividades do Projeto Afrocientista, que dentro da Universidade Federal de Uberlândia - Campus Pontal, tem o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas do Pontal (NEABi Pontal) como elo de ligação entre a instituição de ensino superior e a Associação Brasileira de Pesquisadores(as) Negros(as) (ABPN), entidade promotora da iniciativa em território nacional. Os participantes do projeto, estudantes negros e negras matriculados em escolas de ensino médio, tem seus talentos trabalhados com o intuito de que despertem a vocação científica, mediante participação em ações de pesquisa científica ou tecnológica desenvolvidas pelos Núcleos de Estudos Afro-Brasileiro – NEAB e entidades correlatas.

Nas ações implementadas pelo projeto Afrocientista, destaca-se a possibilidade de realizar debates que contribuam para o desenvolvimento dos estudantes, enquanto futuros pesquisadores, como também, para entendermos melhor a comunidade existente além dos muros da academia. Esse é o objetivo do presente estudo: compreender como o movimento denominado *Black Economic Empowerment* – Empoderamento Econômico Negro ou Empreendedorismo Negro¹, em tradução livre – colabora com as discussões sobre o comportamento da sociedade para além dos aspectos econômico-financeiros apresentados pelo conceito.

¹ Nomenclatura que passaremos a utilizar a partir deste momento.

Como ponto de partida, devemos entender que o Empreendedorismo, de forma geral, é uma abordagem que envolve a identificação e o aproveitamento de oportunidades para criar e desenvolver novos negócios ou melhorar os existentes. É um processo dinâmico que requer iniciativa, criatividade e habilidade para assumir riscos calculados. Os empreendedores são indivíduos visionários que buscam inovação, e acabam encontrando soluções para problemas e necessidades do mercado. No entanto, o Empreendedorismo não está livre de desafios diários. Quem decide empreender enfrenta incertezas, competição acirrada, restrições financeiras e obstáculos regulatórios. Além disso, estas pessoas precisam lidar com a pressão de tomar decisões difíceis e enfrentar possíveis fracassos. A resiliência, a capacidade de adaptação e a busca constante por aprendizado passam a fazer parte das características essenciais para superar os desafios e alcançar o sucesso (SEBRAE, 2019).

De acordo com Johnson (2019) a jornada do empreendedor consiste na constante busca pelo autodesenvolvimento. A Criatividade, a versatilidade e a disciplina são fatores-chave para uma educação engrandecedora. Um empreendedor busca manter-se antenado às tendências globais e adquire novos conhecimentos por meio das pessoas com quem convive e dos ambientes que frequenta. Torna-se evidente que o ato de investir em um negócio próprio é uma atitude que requer o enfrentamento de lutas diárias, e quando estabelecemos um recorte racial para a discussão, percebemos que essas dificuldades são ampliadas.

Pensando nisso, a África do Sul inicia no ano de 2003 a implementação de iniciativas governamentais com o objetivo de impulsionar o Empreendedorismo Negro nacional. Enxergando como sendo necessárias políticas voltadas para a superação das desigualdades históricas resultantes do Apartheid (regime de segregação racial, imposto no país pelo Partido Nacional, de extrema-direita, que se sustentou de 1948 a 1994). O governo sul-africano elaborou ações de empoderamento econômico visando promover a participação ativa de pessoas negras no setor empresarial. Para isso, desenvolveu programas de financiamento, capacitação e suporte técnico para empreendedores negros locais (AGÊNCIA BNDES DE NOTÍCIAS, 2023).

Como possível reflexo dessa prática, no Brasil alguns esforços para a promoção do Empreendedorismo Negro, são identificados. Diversas organizações e iniciativas surgiram visando apoiar empreendedores negros, oferecendo mentorias, capacitação e acesso a redes de contatos. Como exemplo podemos citar a feira, com ênfase no Empreendedorismo Negro,

realizada no Largo Zumbi – tradicional reduto afro da cidade de Porto Alegre. No ano de 2022 chegou a sua 32ª edição, sendo desenvolvida como um dos destaques na Semana Municipal da Consciência Negra.

Em entrevista para o portal institucional da prefeitura, Porto Alegre (2022, p. 1), Adriana Santos, coordenadora de Direitos e Promoção de Igualdade Racial da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social, define a iniciativa como sendo uma oportunidade de “dar visibilidade para as contribuições positivas de negros porto-alegrenses e mostrar as conquistas de quem supera as adversidades sociais diariamente”, e finaliza evidenciando que “é a partir do conhecimento de suas raízes culturais que um povo se fortalece e se insere socialmente, criando e recriando o seu estar no mundo”.

Na cidade de Ituiutaba, Minas Gerais, ações voltadas para o fortalecimento de empreendedores negros, também são produzidas. Essas práticas visam não apenas promover a inclusão social e econômica, mas também valorizar a cultura afrodescendente e impulsionar o desenvolvimento local. O projeto ‘Afroempreendedores: empoderando pessoas para uma economia menos desigual’² desenvolvido pela Fundação Municipal Zumbi dos Palmares (Fumzup) durante o ano de 2020, contribuiu para romper as barreiras enfrentadas pelos empreendedores negros da cidade, fornecendo ferramentas para o crescimento de seus negócios e para o fortalecimento das suas representatividades no mundo empresarial.

Durante a execução do projeto os participantes tiveram a oportunidade de adquirir conhecimentos por meio de cursos on-line com foco em gestão empresarial, vendas, motivação, oratória, entre outras modalidades. Além disso, contaram com incentivo para realizarem graduação no ensino superior, em uma instituição privada. Na oportunidade, um desconto de 50% no valor da mensalidade, para os cursos de Ciências Contábeis; Publicidade e Propaganda; e, Administração, foi disponibilizado para os empreendedores. Ao apoiar e incentivar o Empreendedorismo Negro local, a Fumzup cumpre seu papel institucional para a promoção efetiva de uma igualdade de oportunidades e para o combate ao racismo estrutural existente na sociedade brasileira.

Além dos exemplos demonstrados, outras práticas receberam mais espaço nos últimos anos com um crescente reconhecimento da importância da representatividade e da inclusão nos negócios, levando empresas a adotarem políticas de diversidade de gênero e racial, por exemplo, em suas práticas. No entanto, ser um(a) empreendedor(a) negro(a)

² Ver mais em: <https://www.facebook.com/fumzup.itba>.

representa ainda enfrentar desafios significativos tanto na África do Sul quanto no Brasil. A falta de acesso a capital e crédito, a discriminação racial e a falta de oportunidades são obstáculos que muitos empreendedores negros precisam ultrapassar. Além disso, a ausência de uma rede de contatos estabelecida e os estigmas associados ao empreendedorismo negro também podem dificultar o crescimento e desenvolvimento de seus negócios (SANTOS, 2022).

Apesar das dificuldades, empreendedores negros têm mostrado resiliência e sucesso em diferentes setores. São agentes de mudança, geradores de empregos, promovem o desenvolvimento econômico em suas comunidades e inspiram outros empreendedores. Ainda há muito a ser feito para garantir a igualdade de oportunidades e o pleno desenvolvimento do Empreendedorismo Negro, mas os avanços alcançados até agora são sinais encorajadores de que é possível superar as barreiras e construir um futuro mais inclusivo e próspero.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BNDES DE NOTÍCIAS. **Black Economic Empowerment**: o que é e como a experiência sul-africana pode inspirar o Brasil. Brasília, maio, 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.bndes.gov.br/detalhe/noticia/Black-economic-empowerment-o-que-e-e-como-a-experiencia-sul-africana-pode-inspirar-o-Brasil/#:~:text=A%20legisla%C3%A7%C3%A3o%20de%20empoderamento%20econ%C3%B4mico,p%C3%ABlico%20quanto%20no%20setor%20privado%22>. Acesso em: 20 set. 2023.

JOHNSON, K. D. A mente do empreendedor. 1. ed. Bauru: Astral Cultural, 2019.

PORTO ALEGRE. Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social. **Feira do Largo é destaque na Semana Municipal da Consciência Negra**. Porto Alegre, nov., 2022.

Disponível em:

<https://prefeitura.poa.br/smds/noticias/feira-no-largo-zumbi-e-destaque-na-semana-municipal-da-consciencia-negra>. Acesso em: 28 set. 2023.

SANTOS, T. **Empreendedorismo negro**: mesmo padrão de sucesso, diferentes oportunidades. [Para a Coluna ECOA Uol: por um mundo melhor], abr., 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/opiniao/2022/04/03/empreendedorismo-negro-mesmo-padrao-de-sucesso-diferentes-oportunidades.htm>. Acesso em: 26 set. 2023.

SEBRAE. **Mas afinal, o que é empreendedorismo?** Santa Catarina, jun., 2019. Disponível em: <https://www.sebrae-sc.com.br/blog/o-que-e-empreendedorismo>. Acesso em: 25 set. 2023.

BLACK ECONOMIC EMPOWERMENT





“

É fundamental que a indústria de entretenimento promova narrativas que desafiem as estruturas opressivas e permitam que diferentes perspectivas sejam ouvidas.

Luiz Eduardo da Silva Lopes

”

DECOLONIALIDADE E REPRESENTAÇÃO NA SÉRIE SUPER CHOQUE: UMA PERSPECTIVA DA FILOSOFIA AFRO-BRASILEIRA

**Luiz Eduardo da Silva Lopes
Carlos Antônio dos Santos**

Introdução

A série Super Choque, criada por Michael Davis, Alan Burnett e Denys Cowan, estreou em 2000 e se tornou uma das animações de super-heróis mais populares da época. A trama gira em torno de Virgil Hawkins, um jovem afro-americano que passa por uma transformação após ser exposto a um gás mutagênico, adquirindo poderes eletromagnéticos. No entanto, embora Super Choque seja aclamado por sua representação diversificada e abordagem de questões sociais, é essencial adotar uma perspectiva afro-brasileira para compreender em profundidade como a série se relaciona com a decolonialidade.

A filosofia afro-brasileira tem sido fundamental para a compreensão crítica das estruturas opressivas e para a promoção da justiça social. Vários teóricos afro-brasileiros desenvolveram conceitos de decolonialidade como Paulo Freire, quando afirma: "a decolonialidade exige a transformação radical das estruturas injustas que sustentam a opressão, promovendo a justiça social e a igualdade de oportunidades" ou "implica na ruptura com os modelos de ensino colonialistas, que perpetuam desigualdades e invisibilizam a história e cultura dos povos colonizados." Já Achille Mbembe afirmava que "o processo de decolonialidade não se trata apenas de descolonizar territórios físicos, mas também de descolonizar mentes e modos de pensamento. É uma luta pela liberdade e pela dignidade humana." Ou seja, "é um movimento de resistência contra as formas contemporâneas de colonização, que perpetuam a exploração e a opressão, sejam elas econômicas, políticas ou

culturais” e bell hooks que nos ajudam a entender as implicações políticas, sociais e culturais dessas abordagens.

A representação afro-brasileira é crucial para o combate às estruturas coloniais e racistas. Em Super Choque, Virgil é um protagonista negro que lida com questões de identidade e pertencimento. A série desafiará estereótipos raciais e desconstruir narrativas hegemônicas, proporcionando um espaço para a representação positiva e empoderadora.

Figura 1 - O Super-herói “Super Choque”



Fonte: Adoro Cinema (2019).

Logo esta pesquisa reconhece na série, um meio que contribui para percebemos a história da sociedade e como seus elementos visuais mechem conosco e influenciam as nossas percepções sobre as pessoas. O desconstruir narrativas envolve dialogo sobre racismo e também sobre como conhecemos os outros e como são formadas nossas percepções critica para enxergar ou não o racismo. Por fim mesmo diante de tantas produções visuais que surgem inserindo pessoas negras em sua composição visual precisamos nos manter atentos sobre as intenções de seus autores e produtores, as produções midiáticas precisam ser orientadas para a afirmação da identidade e reconhecimento da historicidade negra. Conhecer e utilizar as histórias dos super-heróis negros podem contribuir como uma importante estratégia para representatividade da população negra e para combater o racismo.

A série destaca o poder de indivíduos marginalizados e subverte a ideia de heroísmo tradicional, questionando a validade dos padrões hegemônicos. Super Choque oferece uma visão alternativa de heroísmo, baseada na capacidade de transformar realidades opressivas e enfrentar o racismo. O personagem Super Choque contribui para pensarmos sobre a representação da juventude negra e o seu papel diante a mídia, nos desafiando a pensarmos

como que jovens negros podem se tornar protagonista e serem referências para uma representação positivada da negritude.

Figura 2 - O Super-herói Anansi, a aranha, e Virgil



Fonte: Adoro Cinema (2019).

Em Super Choque na África, Virgil e sua família fazem uma viagem para Gana. Lá, o herói acaba precisando entrar em ação quando um grupo de bandidos, liderado pelo vilão leopardo Osebo, ameaça roubar um antigo tesouro da região. Super Choque, em sua tentativa de parar o vilão, acaba encontrando um herói local chamado Anansi. Os dois precisam unir suas forças para interferir nos planos do vilão e salvar diversas vidas postas em perigo por ele. Em dado momento do episódio, Virgil revela que no país ele se sente mais próximo de suas origens e uma pessoa, ao invés de uma minoria. Em uma conversa com Anansi, Super Choque acaba dizendo como nos Estados Unidos existem poucos heróis negros. É um episódio que traz grandes questões sociais para a mitologia do personagem.

Os conhecimentos das HQs e seriados foram moldados com base no interesse imperialistas (coloniais) como o popular Capitão América. Trazer a representatividade de Super-heróis negros para esse seguimento é um avanço na descolonização do conhecimento, por isso, veículos de relevância como os canais The CW e a Netflix ao exibirem a série Black Lightning provocam um impacto positivo e de quebra de padrões limitantes. Portanto, o ramo do entretenimento audiovisual apresenta-se como um dos mais potentes mecanismos de combate ao racismo, tanto na direção, como em gerar oportunidade de participação de atores negros, além do reflexo social que esse produto audiovisual (série) pode proporcionar.

Figura 3 - personagens de Super Choque nos quadrinhos



Fonte: ilustrador e escritor Nikolas Draper-Ivey

Quanto a narrativa: a série pode ser enriquecida ao introduzir personagens secundários com uma perspectiva afro-brasileira, permitindo que diferentes vozes se expressem na trama. No Super Choque, podemos observar a situação dos outros personagens por meio de diversas citações ao longo dos episódios. Por exemplo, em um dos episódios, Virgil Hawkins, o alter-ego do Super Choque, diz: 'Richie, meu melhor amigo, sempre me apoia e está ao meu lado nas batalhas contra os vilões'. Isso comprova a importância do personagem Richie Foley na vida de Virgil e como ele é um grande suporte para o herói. Além disso, em outro episódio, Sharon Hawkins, irmã de Virgil, menciona: 'Mesmo não tendo superpoderes, eu contribuo de outras formas para proteger nossa cidade'. Essa citação evidencia o papel de Sharon como uma personagem forte e determinada, que desempenha um papel fundamental na luta contra o crime. Ao explorar as interseções de raça, gênero e classe social, Super Choque pode promover uma compreensão mais completa das opressões vividas pelos personagens.

Figura 4 - Cidadãos e cidadãs ganeses/as



Fonte: Adoro Cinema (2019)

Considerações

Por meio de uma análise filosófica afro-brasileira, este artigo demonstrou como a série *Super Choque* pode incorporar elementos descolonizados e promover a representação inclusiva e emancipatória. É fundamental que a indústria de entretenimento promova narrativas que desafiem as estruturas opressivas e permitam que diferentes perspectivas sejam ouvidas. A série pode servir como uma fonte de inspiração para futuras produções audiovisuais que busquem a ampliação da diversidade e da justiça social.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **A Educação como prática de liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

hooks, b. **Ensinando a transgredir**. A educação como prática de liberdade. 2. ed. Tradução de Marcelo Brandão Cippola. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

MBEMBE, A. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Tradução de Renata Santini. São Paulo: N-1 edições, 2018.





“

É fundamental que a indústria de entretenimento promova narrativas que desafiem as estruturas opressivas e permitam que diferentes perspectivas sejam ouvidas.

Luiz Eduardo da Silva Lopes

”

ESCRITORES NEGROS: vida, obra e influência política para a sociedade brasileira e a luta antirracista

Lucas Matheus Martins dos Santos
Luciane Ribeiro Dias Gonçalves

O presente texto é um estudo bibliográfico que visou trazer à luz escritores negros, que por conta do processo de racismo brasileiro, não tiveram merecido reconhecimento acadêmico e pessoal. Desta forma, analisaremos a vida e obra de Lima Barreto, Cruz e Souza e Abdias Nascimento. O que aproxima tais autores é a pertença étnico-racial. Serem autores negros, fez com que cada um deles, em tempos-espacos diferenciados, tivessem seus trabalhos inferiorizados no contexto da produção literária. Por conta de questões apresentadas até aqui, resolvemos trazer autores negros a partir de suas biografias e obras.

Iniciamos com Cruz e Souza, cujo nome completo era João da Cruz e Souza, nasceu em 24 de novembro de 1861 na cidade de Nossa Senhora do Desterro, atualmente conhecida como Florianópolis, Santa Catarina. Seu pai (Guilherme da Cruz) era pedreiro, e sua mãe (Carolina Eva da Conceição), lavadeira, ambos escravos alforriados.

O menino recebia educação formal devido ao apadrinhamento do coronel Guilherme Xavier de Sousa, antigo “dono” da mãe do autor e de quem o menino herdou o sobrenome Sousa. Aos 8 anos já fazia versos. Em 1874, Cruz e Sousa ingressou no Ateneu Provincial Catarinense, colégio da elite local da época. Nessa escola, como bolsista, o jovem poeta destacou-se como aluno.

Cruz e Souza viveu e produziu sua obra literária em um momento de transição e transformação no Brasil. Ele não apenas enfrentou os desafios pessoais do preconceito racial, mas também contribuiu para a expressão artística do período, ajudando a moldar o simbolismo brasileiro e deixando um legado duradouro na literatura do país. Seu

trabalho é uma janela para a compreensão do Brasil em uma época de mudanças profundas e da busca por identidade em meio a um mundo em evolução.

Dentre suas obras mais destacadas estão: *Missal* (1893) Uma das obras mais significativas de Cruz e Souza, revela-se uma coletânea de poemas notável, distinta por sua linguagem ricamente simbólica e profundo simbolismo religioso. Os versos desta obra exploram temas espirituais, divindade, religião e a busca incansável pelo transcendental. É um mergulho profundo no lado místico e espiritual do autor, constituindo-se, assim, como um dos mais notáveis exemplos do simbolismo presente na literatura brasileira.

Broquéis (1893) é amplamente reconhecido como o marco inicial do simbolismo na literatura brasileira. Nesta obra, o autor mergulha profundamente em questões existenciais, explorando a dualidade intrínseca entre a vida e a morte, enquanto busca incansavelmente por uma experiência espiritual transcendental. Os poemas presentes nesta coletânea se destacam pela sua linguagem intrincada, repleta de metáforas e imagens poéticas, revelando a riqueza da expressão artística do autor. A publicação de "*Broquéis*" consagrou definitivamente a reputação de Cruz e Souza como um dos principais expoentes do simbolismo no Brasil, deixando um legado duradouro na história literária do país.

Lima Barreto, nascido em 13 de maio de 1881 no bairro do Rio Comprido, Rio de Janeiro, emerge de uma família humilde com o nome completo de Afonso Henriques de Lima Barreto. Seu despertar para a literatura surgiu precocemente, fortemente influenciado por seu pai, João Henriques de Lima Barreto, um escritor e tipógrafo. Com uma biblioteca generosa à disposição, cortesia de seu pai, o jovem Lima Barreto encontrou um vasto mundo literário para explorar e absorver.

Sua educação, em grande parte autodidata e informal, foi moldada pela tutela de seu pai, que lhe ensinou a habilidade da leitura e escrita desde tenra idade. Isso deu origem ao amor incondicional de Lima Barreto pela literatura e pela arte da escrita. Apesar da influência positiva de seu pai, sua vida não permaneceu ilesa de desafios pessoais e sociais.

Ao longo de sua vida adulta, Lima Barreto enfrentou dificuldades consideráveis, especialmente em sua carreira no serviço público. Ele ocupou posições em diversos órgãos governamentais, incluindo o Ministério da Guerra e a Secretaria de Guerra e Marinha. No entanto, essas experiências o expuseram à burocracia ineficiente e à corrupção que assolavam o governo naquela época. Isso despertou nele uma intensa

indignação e um desejo de criticar a sociedade, temas que permearam grande parte de sua obra literária.

Além dos desafios profissionais, Lima Barreto também enfrentou batalhas pessoais, lutando contra problemas de saúde mental. Depressão e alcoolismo assombraram sua vida, adicionando complexidade à sua experiência pessoal e à sua escrita. Suas próprias lutas pessoais se transformaram em um tema recorrente em sua obra, permitindo-lhe explorar questões como marginalização, alienação e a busca por justiça social de uma maneira profundamente pessoal.

Lima Barreto foi, de fato, um autor notável que demonstrava uma profunda erudição e um amor genuíno pela literatura. Sua obra foi moldada por uma multiplicidade de influências literárias e intelectuais, resultando em uma voz literária única e cativante.

Portanto, a bibliografia diversificada de Lima Barreto não se limita apenas à sua ficção, mas inclui um corpo de trabalho rico em ensaios e artigos que contribuíram de maneira significativa para a compreensão crítica da sociedade brasileira no início do século XX. Sua escrita multifacetada ressoa como um testemunho poderoso dos desafios e lutas de sua era, continuando a ser estudada e apreciada por leitores e acadêmicos ao redor do mundo.

Abdias Nascimento, cujo nome completo era Abdias do Nascimento, nasceu em 14 de março de 1914, no município de Franca, São Paulo, Brasil. Sua data de nascimento é frequentemente associada ao Dia Nacional da Consciência Negra no Brasil, celebrado em 20 de novembro, em homenagem a Zumbi dos Palmares, líder do quilombo dos Palmares.

A infância de Abdias Nascimento foi marcada pela pobreza e pelas dificuldades enfrentadas por muitas famílias negras no Brasil naquela época. Ele cresceu em um ambiente de discriminação racial e segregação, o que o levou a se engajar desde cedo na luta pelos direitos dos afrodescendentes.

Nascimento mudou-se para o Rio de Janeiro em 1931, onde começou a estudar artes na Escola Nacional de Belas Artes. Sua paixão pelas artes o levou a se tornar um renomado artista visual, com uma produção artística diversificada que inclui pinturas, esculturas e gravuras. Suas obras frequentemente abordam temas relacionados à identidade afro-brasileira, história e cultura.

O trabalho de Abdias Nascimento se estendeu além das fronteiras brasileiras. Ele foi um defensor ativo dos direitos dos afrodescendentes e povos indígenas em todo

o continente americano. Sua influência na promoção da igualdade racial e na luta contra o racismo é reconhecida tanto nacional como internacionalmente.

Abdias Nascimento faleceu em 23 de maio de 2011, deixando um legado duradouro na história do Brasil e no movimento pelos direitos civis e igualdade racial. Sua vida e obra continuam a inspirar gerações a lutar contra o racismo e a discriminação racial no Brasil e em todo o mundo.

Abdias Nascimento foi um dos pioneiros na luta contra o racismo e na promoção dos direitos dos afrodescendentes no Brasil. Seu ativismo abrangeu várias áreas e períodos. Em 1944, Abdias Nascimento fundou o Teatro Experimental do Negro, uma iniciativa cultural que teve um impacto significativo na promoção da representação afro-brasileira no teatro. O TEN desafiou a prática predominante de "embranquecimento" no teatro, na qual atores brancos eram frequentemente escalados para interpretar personagens negros. O TEN foi uma plataforma importante para talentosos atores e atrizes negros e produziu várias peças teatrais que abordaram questões raciais e culturais.

Líder Político. Em 1983, Abdias Nascimento foi eleito deputado federal pelo estado do Rio de Janeiro, tornando-se o primeiro deputado negro do Brasil. Durante seu mandato, ele continuou a advogar por políticas de igualdade racial, direitos humanos e questões relacionadas à comunidade afrodescendente.

Abdias Nascimento, também desempenhou um papel significativo na promoção e no reconhecimento da Década Internacional de Afrodescendentes. Esta importante iniciativa, lançada pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 2015 e programada para continuar até 2024, visa combater o racismo e a discriminação racial em todo o mundo.

Abdias Nascimento, por meio de suas contribuições e sua incansável defesa dos direitos dos afrodescendentes, estabeleceu um legado duradouro como uma figura central na luta contra o racismo e na promoção da igualdade racial, não apenas no Brasil, mas também ao nível internacional. A Década Internacional de Afrodescendentes é um exemplo concreto de como suas ideias e esforços ecoam globalmente na busca por um mundo mais justo e igualitário para todas as pessoas, independentemente de sua origem étnica

Em resumo, Abdias Nascimento é lembrado como um ícone na luta contra o racismo, um incansável defensor da igualdade racial, e alguém que legou um impacto duradouro na promoção da representatividade negra e na conscientização sobre questões

raciais. Seu legado não se limita ao território brasileiro, transcende fronteiras e continua a influenciar de maneira significativa a batalha global por justiça racial.

REFERÊNCIAS

Sousa e CRUZ. **Na costa d'África**. Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, set. 1893, p. 1-3.



“

O racismo no Esporte vem chamando atenção dos atletas, principalmente dos atletas negros.

Hendrick Lucas Nunes da Silva Santos

”



FUTEBOL X RACISMO: REFLEXÕES SOBRE OS ATOS RACISTAS PRATICADOS CONTRA O JOGADOR VINI JR.

**Hendrick Lucas Nunes da Silva Santos,
Marcelo Vitor Rodrigues Nogueira
Laís Rodrigues dos Santos**

O racismo é um ato de discriminação por parte de uma pessoa contra a outra, baseado na cor da pele, este, leva a diversos tipos de preconceitos realizados sempre com as pessoas negras.

O ato racista acontece porque as pessoas pensam que pessoas negras são diferentes, como, por exemplo, nosso tom de pele ser mais escura, faz com que eles nos apelidem com xingamentos maldosos, como ser chamado de macaco ou de tapioca de luto, essas falas são atos de racismo e carregam bastante dor e sofrimento.

Este trabalho tem como objetivo analisar o caso de racismo ocorrido com o jogador Vini Jr., buscando compreender os atos racistas que vem acontecendo no futebol contra pessoas negras.

O racismo no Esporte vem chamando atenção dos atletas, principalmente dos atletas negros. Um caso que tem chamado atenção foi o ato racista praticado contra o jogador Vini Jr que estava no jogo do Real Madrid, no dia 21 de maio de 2023, o país que ele estava jogando era a Espanha, perdendo para o Valência de 1x0, então no mesmo jogo ele foi expulso de campo, só porque estava no meio de confusão entre os jogadores de seu time e seus adversários, ainda no meio disso tudo ele foi enforcado por um jogador, mas, o jogador que o enforcou não foi expulso do jogo, já o Vini Jr, sim, foi retirado de campo, não podendo mais jogar neste dia.

O tema desta pesquisa foi escolhido por gostar de futebol e ter este jogador como inspiração. Esta situação foi muito importante para mostrarmos para a sociedade que todos têm que ser respeitados dentro e fora de campo. Todos estamos sujeitos a passar por

determinado tipo de racismo, então o que me chamou atenção foi o desrespeito que tiveram com ele, e a maldade na expressão de xingamentos desrespeitosos.

Outro fato que me chamou atenção foi a forma que Vini Jr. enfrentou a situação, seguindo em frente, mesmo depois de tantos conflitos e abalado ele não desistiu de sua carreira, continuou jogando e lutando contra o racismo. Vários fãs e familiares deram apoio naquele momento constrangedor que ele estava passando. Deste modo, escolho a postagem principal¹ realizada em sua rede social que relata o que ocorreu em campo. Para analisar a fala do jogador Vini Jr. utilizei o autor Severino (2007) para uma análise da postagem nas redes sociais do jogador, o autor compreende a totalidade de documentos como jornais, fotos, filmes, gravações, documentos legais, sendo todos considerados importantes.

A primeira fala do autor diz: “A cada rodada fora de casa uma surpresa desagradável. E foram muitas nessa temporada. Desejos de morte, boneco enforcado, muitos gritos criminosos... Tudo registrado.” (FRAGMENTOS DA POSTAGEM DO JOGADOR VINI JR, 2023).”

Acredito que estas ações para ele causaram uma dor muito forte e desagradável, sendo esta uma violência mental que pode em alguns casos levar a um fim trágico. Pois se a pessoa não tiver estrutura mental forte, ele pode ser mais uma vítima de racismo no Brasil.

O racismo é um problema sério e inaceitável em qualquer forma, pois nunca sabemos quando alguém ou passaremos por isso, então é muito difícil falar sobre essa dor que o Vini Jr sofreu, imagino que deva ser um sentimento doloroso, de angústia, algo que faz você se sentir sozinho, você pensando que ninguém tem olhos para você, que você não é importante, ou seja, parece que é você contra o mundo todo.

“Mas o discurso sempre cai em “casos isolados”, “um torcedor”. Não, não são casos isolados. São episódios contínuos espalhados por várias cidades da Espanha (e até em um programa de televisão).” (FRAGMENTOS DA POSTAGEM DO JOGADOR VINI JR, 2023).”

Como sempre e só mais uma vítima de racismo, sendo ignorada, e as pessoas não ligam com esta situação, mais um ato impune que fica registrado, ou seja, ninguém faz nada e vira só mais um relato.

Em país bem desenvolvido como a Espanha este ato deveria ter punição severa para esse tipo de atentado contra os seres humanos. Pois, é um país bem-sucedido, que poderia ter grandes investimentos nessa situação, criando projetos de incentivo educativo para a população contra o racismo de modo geral.

¹ Link da postagem do jogador Vini Jr. <https://twitter.com/vinijr/status/1660743682461519872>.

“As provas estão aí no vídeo. Agora pergunto: quantos desses racistas tiveram nomes e fotos expostos em sites? Eu respondo pra facilitar: zero. Nenhum pra contar uma história triste ou pedir aquelas falsas desculpas públicas. (FRAGMENTOS DA POSTAGEM DO JOGADOR VINI JR, 2023).”

Como citei anteriormente, ninguém faz nada por essas situações, o número de vítimas só vai aumentando a cada dia, onde acaba trazendo fatos de depressão para as pessoas que passam por certas situações como essas. Pois, não há punição severa para os autores desse tipo de violência, sendo que isso é um crime e deve ser punido. Com o avanço do mundo de hoje tem vários meios que podem ser criados para tentar punir pessoas contra o racismo.

Cada vez que vamos deixando estas situações acontecerem sem cobrar respostas, a situação só piora, se continuar dessa for nada mudará e ficará sempre para a história.

“O que falta para criminalizar essas pessoas? E punirem esportivamente os clubes? Por que os patrocinadores não cobram a La Liga? As televisões não se incomodam de transmitir essa barbárie a cada fim de semana?”. (FRAGMENTOS DA POSTAGEM DO JOGADOR VINI JR, 2023).

Acredito que os clubes deveriam expulsar as pessoas que cometeram esse tipo de atitude, punir os clubes que contribuíram para esses atos, criar programas para prevenir atos racista e ajudar na punição das pessoas que cometem esse tipo de crime em campo.

Os clubes podem criar tecnologias como reconhecimento facial para aumentar a capacidade de localizar e reconhecer pessoas que cometam racismo nos estádios. Com um valor tão grande recebido pelos clubes, poderia haver iniciativas que combatam ao racismo, seja com programas educativos ou com medidas práticas, contratando funcionários para monitorar o comportamento dos torcedores nos estádios em dias de jogo ou para ter mais câmeras no circuito interno. Já passou da hora, é momento de agir.

O problema é gravíssimo e os comunicados não funcionam mais. Me culpar por justificar atos criminosos também não. (FRAGMENTOS DA POSTAGEM DO JOGADOR VINI JR, 2023).

As pessoas não estão ouvindo porque elas acham que isso é um drama. “Lamentavelmente, o racismo em nossa sociedade se dá de um modo muito especial: ele se afirma através da sua própria negação.” (GOMES, 2005, p. 46). As pessoas estão culpando ele por sofrer racismo. Sendo que ele é a vítima e não o agressor, e se ele ficar calado não será um ato de luta e sim de derrota, então, temos que lutar, falar e gritar, pois isso não é um

drama e sim uma realidade que estamos vivenciando cada dia com muita dor e sofrimento. As pessoas estão culpando ele por uma coisa que todos os negros sofrem todos os dias.

No es fútbol, es inhumano. (FRAGMENTOS DA POSTAGEM DO JOGADOR VINI JR, 2023).

Apreendi que racismo pode levar a situação muito ruim, pois as pessoas podem até ficar doentes, com depressão ou até mesmo se matar. Pois nem todos podem ter a força de lutar contra essa situação como o Vini Jr., por ser um momento de muita dor, só quem passa sabe. Mas eu nunca sofri racismo, porém tem pessoas que conheço que já sofreram atos racistas e ouvi relatos de muita dor e angústia.

O importante é falar sobre a situação que estamos enfrentando no dia-a-dia e levar isso a sério, então se tiver mais conscientização para a população, pode ajudar muito.

Esse fato nos ensina e nos prepara para tentar lidar com essas situações, mesmo sendo muito constrangedor, temos que estar preparados para enfrentar de cabeça erguida e lutar pelos nossos direitos.

Então esse ato que fizeram com ele foi de racismo, pois desde do início do jogo ele estava sofrendo preconceito, e ao invés dos representantes pararem o jogo e impedir que esse tipo de violência acontecesse, eles agiram de forma injusta e desigual. O futebol era para ser uma coisa divertida, mas com uma situação dessas não dá para ter aquela felicidade de ver jogos, pois a desigualdade cada dia aumenta mais.

REFERÊNCIA

GOMES, N. L. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil:** uma breve discussão, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão, 2005.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico.** São Paulo: Cortez, 2007.





“

**Autoestima e individualidade na
autoestima do homem negro ao
redor das barbearias.**

Pedro Henrique Silva Dutra

”

HOMENS NEGROS E AUTOESTIMA A PARTIR DOS CORTES DE CABELO

Pedro Henrique Silva Dutra
Herlan Oliveira Matildes

Me incomodo e me sensibilizo por esse assunto porque desde pequeno não tive uma assistência e ninguém me apoiando em usar meu cabelo natural. Sempre estudei em escolas com alunos majoritariamente brancos, com cabelos lisos e bem penteados, o que me levou a alisar meu cabelo, quando eu o alisei também me zoaram dizendo “porque eu havia feito aquilo e que não havia ficado bom”. Por um tempo eu não gostava mais do meu cabelo e fazia de tudo para ele ficar liso para as pessoas acharem que eu era igual a elas e me acharem bonito também. Hoje vejo meu irmão com algumas dificuldades para aceitar seu cabelo, seguindo passos que eu e acredito que com essa pesquisa, constataremos que muitas pessoas pretas já trilharam o mesmo caminho que eu. Rejeitando o próprio cabelo para se sentir mais bonito e principalmente aceito perante a um padrão branco e eurocêntrico.

Dessa maneira procurei me fortalecer e também ao meu irmão para mostrá-lo que nosso cabelo natural é lindo. Entretanto, até hoje sinto que estraguei meu cabelo por tentar agradar pessoas que ignoravam para mim, com o passar do tempo, depois que comecei trabalhar realizando cortes de cabelo pude reavaliar que existem várias formas e cortes que poderiam valorizar o meu cabelo podendo então, me senti mais confiante e perceber que não era só o topete e/ou uma franja que eram bonitos e que são na realidade considerados bonitos.

Encontrei no corte americano, um resgate da minha autoestima, e ele me ajudou a me sentir uma pessoa bonita, podendo assim questionar esse padrão de beleza considerado. Desse modo, pode se dizer que o apagamento da beleza negra se deu por um logo período, pelos estereótipos e padrões de beleza eurocêntricos estipulados pela hegemonia cultural branca que, ressignificou a imagem da pessoa negra, com traços retintos sobre tudo, as retintas,

negativamente, mal vista, mal interpretada, e muitas vezes suja, no contexto de sociedade racista.

Visto isso, a autoestima do ser negro fica cada vez mais abalada e difícil de se reafirmar enquanto bonito, conseqüentemente se cria uma dificuldade na identificação com o belo, o que presta e com a dignidade do ser, gerando assim, diversos tipos de conflitos internos e também externos.

Nesse sentido, e observando os movimentos de representatividade se vê mais que em outra época, maior visibilidade de pessoas negras nas mídias ocupando espaço de beleza, que em outro momento só eram ocupados por peles brancas e cabelos lisos. O que, por sua vez, auxilia na autoestima e autoaceitação de pessoas negras aos seus traços.

A problemática aqui discutida, é que existem vários motivos pelos quais homens negros tem dificuldades para aceitar o seu cabelo natural. Um dos principais é, pela hiper valorização de padrões eurocêtricos, que tem como características cabelos lisos e sedosos, que por muito tempo foi determinante para que nas barbearias ou comércio de cosméticos lucrarem com alisantes de cabelos e gerou conseqüentemente o apagamento individual e coletivo desses traços negroides na população negra, continuando a fortalecer alguns estereótipos negativos relacionados aos cabelos afros tidos como bagunçados e antiprofissionais na visão das empresas. Além da falta de conhecimento sobre como cuidar e estilizar os cabelos naturais. A falta de acesso a produtos e profissionais especializados em cabelo afro também dificulta a aceitação por ser mais fácil alisar e se padronizar em casa sem a presença de um profissional.

Desta maneira, para verificar e avaliar fizemos um questionário com dez perguntas a fim de elucidar essas ou agregar outras discussões referentes às dificuldades, ou não de aceitação, trazendo uma perspectiva dos homens negros, pois verificando a literatura é muito falado da perspectiva da autoestima coletiva, e até de mulheres, entretanto pouco se fala da questão do homem negro e sua relação com a autoestima. Tal questionário foi disponibilizado pela ferramenta Google formulário, direcionado aos clientes e conhecidos negros da barbearia, na qual trabalho, na cidade de Ituiutaba-MG. O formulário disponibilizado contou com as perguntas, quadro abaixo:

Perguntas	Positivas	Negativas	Não têm certeza
-----------	-----------	-----------	-----------------

HOMENS NEGROS E AUTOESTIMA A PARTIR DOS CORTES DE CABELO

Pedro Henrique Silva Dutra & Herlan Oliveira Matildes

Você já quis ter um cabelo diferente do que o seu é?	9	2	
Você já sofreu algum preconceito ou bullying por causa do seu cabelo?	8	3	
Você já teve dificuldades em achar seu cabelo bonito natural?	8	3	
Você sabe o que significa auto afirmação?	5	6	
Você acha o seu cabelo uma parte essencial em relação a sua autoestima?	11		
Você já passou ou ainda passa por um processo de aceitação de si mesmo?	6	3	2
Você já fez algum tipo de procedimento que alisa seu cabelo?	7	3	1
Você acha que para ter autoestima precisa ter cabelo?	3	4	4
Para pessoas negras que não tem cabelo, você acha que é possível ter autoestima por outro meio?	10		1
Você acha que a barba também é algo muito importante para as pessoas carecas terem autoestima?	2	4	5

(Dados retirados do formulário google)

Ficou então evidente pela análise dessas respostas e com a população que realizamos este trabalho, os homens negros, que nos expuseram suas perspectivas, têm uma dificuldade em aceitar o seu cabelo natural, já quiseram ter o cabelo diferente do que ele é. Também alegam já ter sofrido preconceito ou zoação devido ao seu cabelo que a maioria diz ser essencial para sua autoestima, por isso muitos ainda fazem procedimentos de alisamento ou já fizeram em algum momento. E a dificuldade de achar influências nas redes, achar profissionais que entendem de cabelos crespos ou cacheados dificultam ainda mais esse processo de aceitação e de autoafirmação na comunidade. Enfim, os motivos podem ser inúmeros, sendo da imposição do que é aceitável em uma sociedade estruturada pelo racismo que cada vez mais exclui corpos, cabelos e qualquer manifestação de e da sua negritude; tanto no aspecto e cenário social, como do cenário empresarial, artístico e midiático.

Entretanto, as formas estão mudando, cada vez mais o processo de autoafirmação, a representatividade negra vem aumentando nas esferas de influências digitais, como no Instagram, TikTok, e até o YouTube, sendo pouco divulgados ou sabotados pelo algoritmo, programado ainda por pessoas brancas. Contudo, é sim possível afirmar que o “corte na régua”, cortes americanos, tem uma influência individual na autoestima de homens negros, todavia não podem ser o único, para haver a dependência destes. Dessa maneira, reafirmar

traços negro é de suma importância para que o padrão de beleza não seja o outro e sim nós mesmo, nossa cultura e as expressões que é da gente.

REFERÊNCIAS

Neri, N. N. **A IMPORTÂNCIA DA ESTÉTICA E AUTOESTIMA NEGRA: Geração tombamento é política?**. Youtube, 09/05/2019. Disponível em: <https://youtu.be/srKdoOEbjeg?si=F1bPg8kUuiSKhPIS>. Acessado em: 29 de setembro de 2023.

Todecacho, **Conheça a história do cabelo afro e o porquê ele é símbolo de luta e empoderamento!** 2023. Disponível em: <https://todecacho.com.br/a-importancia-do-cabelo-afro/amp/>. Acessado: 29 de setembro de 2023.



“

A importância da Congada na escola para mim, é trazer mais gente para nossa cultura.

Humberth Yan Alves

”



MARCHA, MARCHA DOBRADA, MORRO ACIMA, MORRO ABAIXO: O TERNO CONGO RAÍZES SÃO BENEDITO E SUAS CONTRIBUIÇÕES NO PROCESSO EDUCACIONAL

**Humbeth Yan Alves
Marcelo Vitor Rodrigues Nogueira,
Lais Rodrigues dos Santos**

A Congada é uma manifestação cultural afro-brasileira que celebra a cultura e a religiosidade afrodescendente. É uma festa com danças, músicas, cantos e rituais, geralmente realizada em honra aos santos católicos como São Benedito, Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora da Abadia, entre outros, variando conforme o lugar que é celebra a Festa da Congada.

Este trabalho tem como objetivo compreender como o Terno Congo Raízes de São Benedito colabora para no processo de ensino e aprendizagem na educação escolar. Para a realização da pesquisa realizarei um relato de minha vivência neste Terno, Ludke e Cruz (2010).

A congada em Ituiutaba é uma das maiores manifestações culturais, preservando a tradição familiar da congada, promovendo a valorização da cultura afro-brasileira e fortalecendo a identidade negra dos grupos locais, Naves e Katrib (2012).

O congado desempenha um papel importante na produção da inclusão social, no fortalecimento de identidade da cultura e na comunidade, na geração de empregos e no fomento do turismo cultural na cidade de Ituiutaba-MG.

A história do grupo Raízes de São Benedito começa com Jackeline Aparecida Silva Alves e João Antonio Alves. Em dezembro de 2020 a gente fez a nossa primeira reunião geral com os integrantes do grupo. Em 2021 a gente não conseguiu sair na rua por conta da pandemia que não podia ter festa de congo, em 2022 foi o primeiro ano que o Raízes de São Benedito saiu na rua, no terceiro domingo de maio é o dia que acontece a nossa festa de

congo em Ituiutaba-MG. Em 2023 foi o segundo ano que o Raízes de São Benedito na festa de congo em Ituiutaba-MG, no primeiro ano que o Raízes saiu na rua foi muito difícil porque não tivemos ajuda da irmandade porque precisa dançar na festa de três anos. No segundo ano foi mais fácil porque o Raízes conseguiu realizar leilões para ajudar na festa.

O que aprende com grupo Raízes de São Benedito, as músicas, as danças, os ritmos, os toques dos instrumentos, como chegar cantando e tocando para os santos que está no altar e na casa dos mais velhos, saber para quem está cantando na hora, você a fazer os instrumentos como as caixas o xequerê e as baquetas, e as tradições do grupo.

Porque o Raízes de São Benedito faz parte da minha vida e isso quero levar para escola falar sobre a cultura do congado, como ela é importante para a sociedade preta. E trazer mais pessoas para participar dessa cultura porque tem muitas pessoas que ainda não conhece não sabe o que é congado, e por isso que o Raízes de São Benedito é importante.

O Raízes de São Benedito tem uma importância significativa na educação, ao atuar na valorização da cultura afro-brasileira, promovendo a conscientização, o respeito à diversidade e a inclusão nas escolas, contribuindo para uma educação mais inclusiva e plural. Contribuem para o fortalecimento da identidade e valorização da diversidade nas escolas.

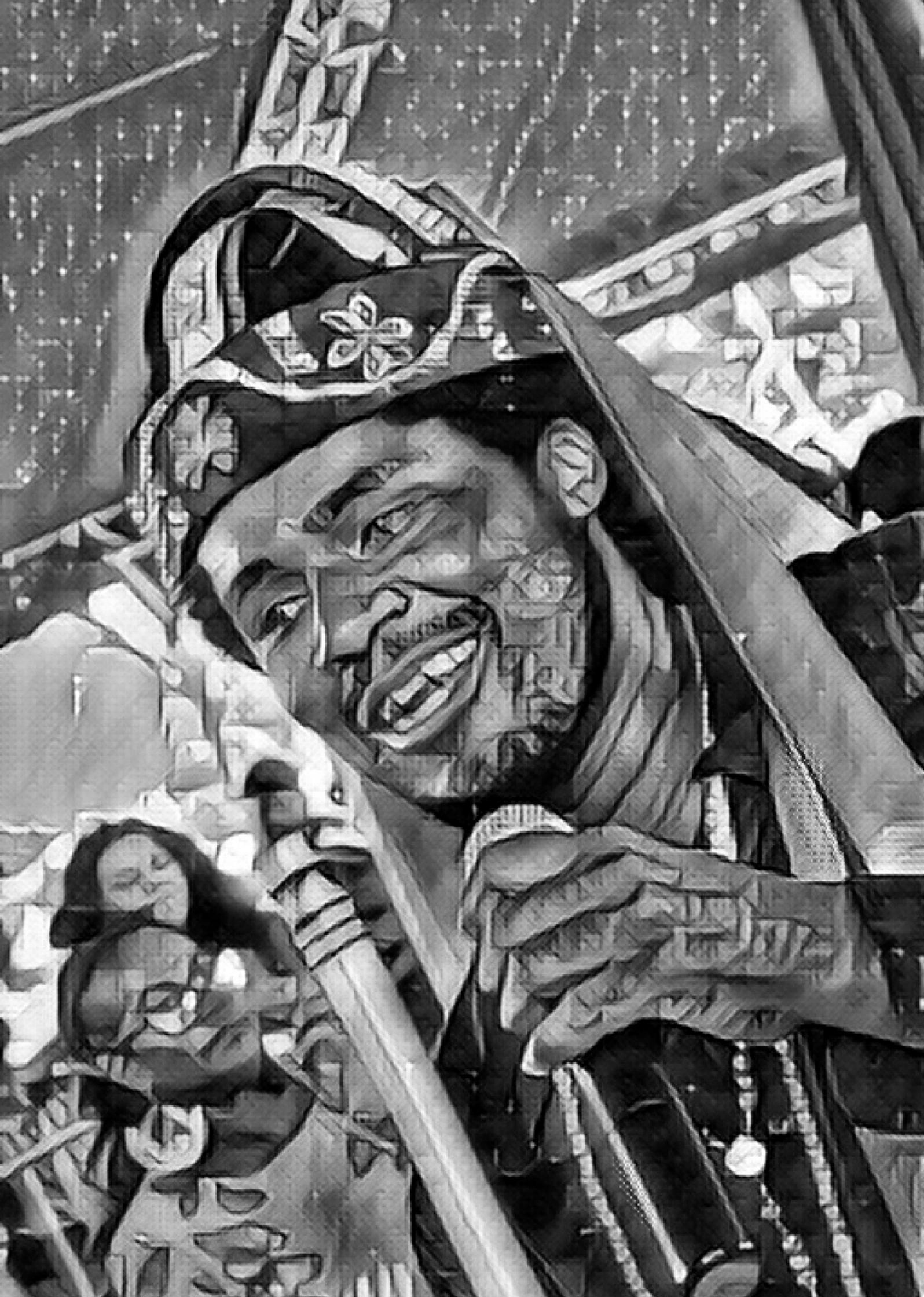
Com o Raízes de São Benedito aprendi a valorizar as tradições trazendo as caixas de couro com cordas, e os xequerês, e os ritmos dos batidos, a fazer os instrumentos, às danças, as músicas do grupo, como o grupo trabalha para fazer a festa, e as tradições do grupo.

Levem a congada para as escolas porque é muito importante para o povo saber sobre a nossas culturas, e trazer mais pessoas para fazer parte dessas culturas afro-brasileiras, que o povo saiba que a manifestação da congada é muito forte na nossa região.

REFERÊNCIAS

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

NAVES, F. D.; KATRIB, C. M. I. **Cultura, identidade e religiosidade em Ituiutaba-MG**. Horizonte Científico, Uberlândia, v. 6, n. 2, fev., 2012. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/horizontecientifico/article/view/6332>>.. Acesso em: 30 out. 2023.





“

É fundamental apoiar artistas afro-brasileiros e incentivar a produção de novas músicas afro-brasileiras.

Carolina Marques Domingues Oliveira

”

MELODIAS DA RESISTÊNCIA: MÚSICAS AFRO-BRASILEIRAS E IDENTIDADE CULTURAL

Carolina Marques Domingues Oliveira
Leonardo Araujo Borges

Introdução

A influência da música afro-brasileira na identidade cultural do Brasil atualmente é um tema de grande relevância. A música afro-brasileira desempenha um papel significativo como uma forma de resistência cultural e afirmação da identidade afro-brasileira, por mais que essa pesquisa seja sobre música, neste contexto não se é falado diretamente sobre, mas sim sobre diversos gêneros musicais. A pesquisa se insere nesse contexto, conduzida por uma estudante negra e bolsista do projeto Afrocientista do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígena (NEABi PONTAL) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Campus Pontal, motivada por interesse musical, curiosidade pessoal e contribuição cultural e acadêmica.

A música afro-brasileira é uma das mais ricas e vibrantes do mundo. No entanto, ao longo da história, os artistas negros enfrentam uma série de desafios e desigualdades, tanto no reconhecimento quanto na valorização de seu trabalho. Desde o período colonial, os negros foram submetidos a um sistema de escravidão que impedia seu desenvolvimento cultural.

A música, como forma de expressão e resistência, foi uma das poucas formas que os negros encontraram para manter sua identidade e cultura. No século XX, com o fim da escravidão, os artistas negros começaram a ganhar maior visibilidade. No entanto, ainda assim, enfrentaram preconceito e discriminação. Por exemplo, o samba, um ritmo originário das comunidades negras, foi inicialmente considerado uma música marginal e de baixa qualidade. Ainda hoje, a desigualdade racial na música afro-brasileira é uma realidade. Os artistas negros são sub-representações nos principais veículos de comunicação e na indústria fonográfica. Além disso, são frequentemente alvo de racismo e discriminação.

Para compreender plenamente o papel da música afro-brasileira na expressão da

identidade negra, é fundamental considerar a rica literatura sobre o assunto. Autores da antropologia cultural, como Clifford Geertz e Victor Turner, oferecem valiosas perspectivas sobre a música como expressão cultural e social, já Kabengele Munanga traz uma perspectiva crítica sobre raça e racismo, bem como uma ênfase na importância de educação antirracista. Da mesma forma, autores da história e filosofia respectivamente, como Gilberto Freyre e Lélia Gonzalez, contribuem para uma compreensão mais profunda da história e cultura afro-brasileira, fornecendo contexto e percepções cruciais. Músicos notáveis, como Hermeto Pascoal e Milton Nascimento, enriquecem a compreensão da música afro-brasileira, demonstrando sua influência e inovação.

A problemática central desta pesquisa é: “Como as músicas afro-brasileiras são utilizadas para expressar a identidade negra?” Para responder a essa questão, a análise se concentra nos elementos intrínsecos às músicas afro-brasileiras que as tornam uma forma de resistência cultural, incluindo ritmos, letras e instrumentos tradicionais que mantêm vivas as tradições afro-brasileiras. Além disso, a pesquisa investiga como essas músicas são relevantes na contemporaneidade, revelando a sua importância na afirmação da identidade afro-brasileira.

Tendo como objetivo geral analisar como as músicas afro-brasileiras incorporam elementos culturais afro-descendente, como ritmos, melodias, instrumentos e letras, para expressar a identidade afro-brasileira, e específico investigar de que maneira as músicas afro-brasileiras são utilizadas como ferramentas de resistência cultural na luta contra o racismo e na afirmação da identidade negra e compreender a relevância contemporânea das músicas afro-brasileiras na expressão da identidade negra.

A pesquisa adota uma metodologia qualitativa que envolve a análise de fontes diversas, incluindo livros, artigos científicos, reportagens, gêneros musicais e dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. A coleta de dados é realizada por meio da revisão de literatura e da análise textual e musical. A abordagem interdisciplinar permite uma compreensão holística das músicas afro-brasileiras e sua influência na identidade cultural do Brasil.

Esta pesquisa é justificada pela importância de compreender a contribuição da música afro-brasileira na afirmação da identidade negra e na luta contra o racismo. Além

disso, ela promove a valorização da cultura afrodescendente e destaca a relevância da música como uma forma de resistência cultural e expressão da diversidade cultural do Brasil. A pesquisa contribui para o enriquecimento do conhecimento sobre a música afro-brasileira e seu papel na construção da identidade nacional.

Discussões e resultados

A influência da música afro-brasileira na identidade cultural do Brasil contemporâneo é um tema de grande relevância, especialmente à luz das leis 10.639/2003 e 11.645/2008, que inseriram no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da abordagem da história e cultura afro-brasileira e indígena. Essas leis têm um papel crucial no reconhecimento e promoção da diversidade cultural do Brasil, de acordo com informações do IBGE. “Falar de identidade negra no Brasil supõe a existência de outras identidades, além da nacional. O que nos remete ao contexto de um país multicultural e multirracial, ou seja, o multiculturalismo.” (Munanga, 2012, p.7).

Clifford Geertz, antropólogo cultural, salientou que a criatividade muitas vezes emerge nas margens da sociedade. Isso é claramente exemplificado nas origens do fado português e do samba brasileiro, o fado e o samba são dois gêneros musicais que surgiram da miscigenação entre as culturas africana, indígena e europeia. No caso do fado, a influência africana é evidente no uso do ritmo binário e da melodia melancólica. No caso do samba, a influência africana é evidente no uso do ritmo ternário e da percussão. Ambas as músicas são expressões da identidade cultural dos seus respectivos países. O fado é considerado um dos símbolos da cultura portuguesa, e o samba é considerado um dos símbolos da cultura brasileira. Assim, as origens do fado e do samba são um exemplo claro da influência da cultura africana na música brasileira, demonstrando a capacidade de expressão cultural em face da exclusão.

Victor Turner, outro destacado antropólogo, corrobora essa perspectiva, enfatizando que o samba e o fado representam ícones das identidades lusa e brasileira, originando-se nos espaços da exclusão e marginalização social, de acordo com Stolze Lima, T. (2007) em *O Fado e o Samba e os Significados da “Portugalidade” e da “Brasilidade” nas Construções Identitárias das Músicas Populares Urbanas*. Essa associação ressalta como a música afro-brasileira é uma manifestação cultural da

resistência, e, graças às leis supracitadas, essa resistência é reconhecida e valorizada no contexto educacional brasileiro.

Kabengele Munanga, ao abordar a identidade afro-brasileira, enfatiza a importância da negritude como uma categoria sócio-histórica e não apenas biológica. A música afro-brasileira celebra essa negritude, contribuindo para a construção de uma identidade negra sólida e inclusiva, um conceito que as leis 10.639/2003 e 11.645/2008 promovem ativamente ao inserir no ensino a valorização da cultura e história afro-brasileira que assim como reconhecido nos dados do IBGE destacam a relevância da mesma.

Essa pesquisa identifica gêneros musicais específicos como exemplos da influência da música afro-brasileira na identidade cultural contemporânea do Brasil. “Os sambistas brancos têm muito maiores chances de ascender no star system, cujas regras são feitas por brancos, para privilégio dos brancos”(Portal Geledés, 2019). No caso do samba, que os sambistas brancos têm mais chances de sucesso do que os sambistas negros são um exemplo de apropriação cultural. Isso ocorre porque a indústria cultural brasileira, historicamente, é dominada por brancos. Segundo Jairo Severiano e Zuza Homem de Mello, o samba, originado nas senzalas durante a escravidão, incorpora elementos culturais africanos, como o ritmo do surdo, sendo um instrumento de percussão de origem africana. Além disso, aborda temas que celebram a cultura afro-brasileira, como religiosidade, ancestralidade e resistência, contribuindo para a compreensão dessas manifestações no âmbito escolar.

De acordo com Hermano Vianna, o funk, nascido nas periferias onde a população negra é predominante, serve como uma expressão da cultura e realidade das comunidades marginalizadas, celebrando a negritude, autoestima e resistência. Da mesma forma, o rap, influenciado pelo movimento pelos direitos civis dos negros nos Estados Unidos, encontra eco no Brasil como uma forma de expressão cultural e de protesto contra o racismo e a discriminação, denunciando o preconceito e a opressão, conforme Kabengele Munanga e Daniel Ribeiro da Silva.

Em resumo, as músicas afro-brasileiras desempenham um papel crucial na representação da pluralidade cultural e na resistência da comunidade negra no Brasil. Com o apoio das leis 10.639/2003 e 11.645/2008, elas se tornam ferramentas poderosas para

promover a compreensão, o respeito e a valorização da cultura afro-brasileira, ao mesmo tempo, em que desafiam estereótipos prejudiciais, entre esses estereótipos, destaca-se a visão simplista de que a cultura negra se resume a estereótipos raciais e culturais negativos, como a associação da negritude à criminalidade, preguiça ou inferioridade intelectual. Através da música, a cultura afro-brasileira se mantém viva, e os afro-brasileiros continuam a construir e afirmar uma identidade profundamente enraizada na negritude e na rica história cultural do Brasil, graças ao reconhecimento legal de sua importância na educação.

Considerações Finais

As músicas afro-brasileiras desempenham um papel fundamental na representação da pluralidade cultural e na resistência da comunidade negra no Brasil. Ao longo desta pesquisa, explorei a maneira como essas manifestações culturais não apenas celebram a cultura e a identidade afro-brasileira, mas também funcionam como uma forma de resistência contra o racismo e a discriminação.

Ao analisar as obras de renomados autores, como Clifford Geertz, Victor Turner e Kabengele Munanga, percebemos que as músicas afro-brasileiras têm raízes profundas na história e nas experiências dos afro-brasileiros. Elas representam uma manifestação de criatividade que frequentemente emerge nas margens da sociedade, originando-se em contextos marginalizados, como as senzalas e as periferias. Isso demonstra a capacidade da cultura de se expressar em face da exclusão, resistindo e afirmando a identidade negra.

Os gêneros musicais, como o samba, o funk e o rap, exemplificam como as músicas afro-brasileiras incorporam elementos culturais africanos e abordam temas de relevância, como religiosidade, ancestralidade e resistência. Essas expressões artísticas desempenham um papel crucial na construção de uma identidade afro-brasileira sólida e inclusiva, alinhando-se com as leis 10.639/2003 e 11.645, que buscam promover o reconhecimento e a valorização da cultura afro-brasileira no sistema educacional.

Portanto, esta pesquisa alcançou seus objetivos ao aprofundar a compreensão da influência da música afro-brasileira na identidade cultural do Brasil contemporâneo. Concluímos que essas músicas são um elemento fundamental da cultura brasileira, um patrimônio que deve ser preservado e valorizado. Para atingir tal objetivo, é essencial que

em:

<https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm>. Acesso em: 31 de outubro de 2023.

Stolze Lima, T. (2007). **O Fado e o Samba e os Significados da "Portugalidade" e da "Brasilidade" nas Construções Identitárias das Músicas Populares Urbanas**. Revista da USP, São Paulo, v. 91, p. 19-48, set.-out.o



“
As marcas históricas de inferiorização da população negra ainda persistem e mantêm o afastamento de pessoas negras das ocupações de chefia.

Isabella Cristina Teles Lopes

”



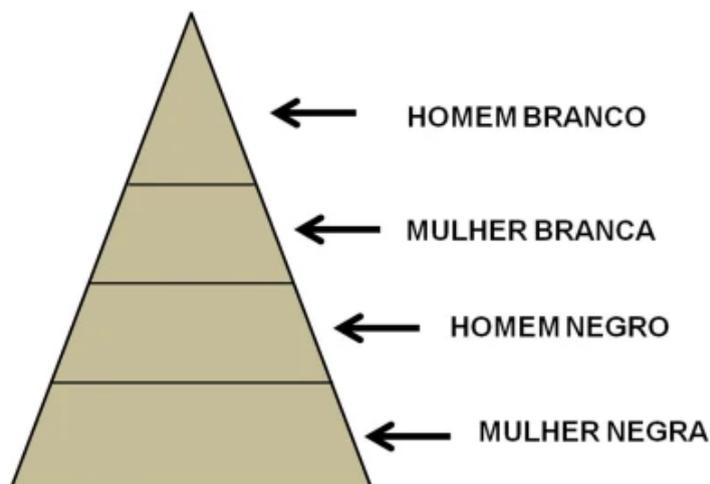
MULHERES NEGRAS NUMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO FEDERAL: Estudo de Caso

**Isabella Cristina Teles Lopes
Luciane Ribeiro Dias Gonçalves**

INTRODUÇÃO

O processo de colonização, marcado essencialmente pela escravização do povo negro africano, deixou marcas evidentes na sociedade atual. O contexto histórico do Brasil mostra explicitamente a diferença, não só no mercado de trabalho, como em outros ambientes também, a diferença entre a população negra e Branca. Vivemos em um país onde brancos são valorizados e , negros inferiorizados. O racismo estrutural dificulta a ocupação de pessoas negras a diversos cargos, principalmente em cargos de chefia e atendimento ao público. Surge então o questionamento? Cargos de chefia, no Brasil, são ocupados mais por pessoas negras ou brancas?

A filósofa Djamila Ribeiro, esquematiza em uma pirâmide a sociedade, se baseando em variáveis de gênero e raça. A autora relata: “vivo em uma sociedade estruturada para me tratar como a base da pirâmide”. Isso está altamente interligado com os privilégios obtidos por homens brancos (como, por exemplo, exercer cargos de chefia). O fato dessa população estar no topo da pirâmide, inferioriza o resto, como mulheres brancas , homens negros e mulheres negras, demonstrada numa desigualdade racial . Tal característica da sociedade brasileira pode ser representada da seguinte forma:



<https://pensamentosmulheristas.files.wordpress.com/2015/12/piramide.jpg?w=387&h=269>

Dados do IBGE apontam que” mais da metade (53,8%) dos trabalhadores do país em 2021 eram pretos ou pardos, mas esses grupos somados ocupavam apenas 29,5% dos cargos gerenciais, enquanto brancos ocupavam 69,0% deles” (IBGE, 2022). Diante das revelações destes dados, surgiu o questionamento: Como será a distribuição de cargos/funções no IFTM? Será que o instituto reproduz as condições históricas reveladas acima? Desta forma, este estudo de caso visou investigar a distribuição pelo viés de raça, nos cargos desta instituição.

METODOLOGIA

Este trabalho trata-se de um estudo de caso realizado em um instituto federal, localizado no triângulo mineiro, o Instituto Federal do Triângulo Mineiro (IFTM) Campus Ituiutaba. No dia 15 de março de 2009, foi realizado o primeiro processo seletivo do Instituto Federal - Campus Ituiutaba, voltado especificamente para o curso Técnico em Informática , atualmente os cursos ofertados pelo instituto para Técnicos concomitantes ao ensino médio são: técnico em administração e técnico em eletrotécnica , para Técnicos integrados ao ensino médio são: técnico em agricultura, agroindústria, eletrotécnica, integrado , informática e química , para Formação Inicial Continuada é espanhol, inglês, português com língua adicionada (em rede) , português com língua adicionada (em rede 2) , para Graduação bacharelado são: administração e ciências da computação para Graduação tecnologia são: tecnologia em alimentos, análise e desenvolvimento de sistema, automação industrial e

PESQUISAS ANTIRRACISTAS NO PROJETO AFROCIENTISTA

processos químicos para Especialização são: ciências ambientais , higiene e segurança alimentar e novas tecnologias aplicadas à educação.

Diante das ofertas de cursos elencados acima, buscamos compreender sobre os funcionários envolvidos nesse trabalho. A tabela abaixo mostra os cargos de coordenação atual do Instituto Federal do Triângulo mineiro

Tabela 1 - Mapeando mulheres negras no IFTM - Campus Ituiutaba

Coordenação	Cargo	Função resumida
Coordenação Geral de Administração e Planejamento	Assistente em Administração	Acompanhar e ter controle das rotinas de trabalho das empresas e organizações
Coordenação Geral de Administração e Planejamento	Contadora	responsável pela saúde financeira
Coordenação Geral de Administração e Planejamento	Administradora	responsável pela tomada de decisão e condução de estratégias no meio corporativo
Coordenação de Licitações	Assistente em administração	Acompanhar e ter controle das rotinas de trabalho das empresas e organizações
Coordenação de Licitações	Assistente em administração	Acompanhar e ter controle das rotinas de trabalho das empresas e organizações
Coordenação Orçamentária e Financeira	Assistente em administração	Acompanhar e ter controle das rotinas de trabalho das empresas e organizações
Coordenação Orçamentária e Financeira	Assistente em administração	Acompanhar e ter controle das rotinas de trabalho das empresas e organizações
Coordenação de Gestão de Pessoas	Assistente em administração	Acompanhar e ter controle das rotinas de trabalho das empresas e organizações

MULHERES NEGRAS NUMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO FEDERAL
Isabelle Lopes e Luciane Ribeiro Dias Gonçalves

Coordenação Geral de Ensino	Professora EBTT	Atendimento Educacional Especializado nas formas de complementação e suplementação ao ensino na formação dos estudantes com necessidades específicas do IFPR
Coordenação Geral de Ensino	Bibliotecária	Desempenhar a função de gestor da informação, usando as tecnologias de informação e comunicação disponíveis
Coordenação Geral de Ensino	Assistente de Aluno	Assistir e orientar os alunos no aspecto de disciplina, lazer, segurança, saúde, pontualidade e higiene, nas dependências escolares
Coordenação Geral de Ensino	Técnica de Laboratório	Receber, etiquetar e analisar amostras. Elaborar e executar exames laboratoriais de acordo com procedimentos padrão.
Coordenação Geral de Ensino	Assistente em Administração	Preparar relatórios, formulários e planilhas: Coletar dados; elaborar planilhas de cálculos; confeccionar organogramas, fluxogramas e cronogramas
Coordenação Geral de Ensino	Intérprete de LIBRAS	Ajuda na comunicação entre pessoas ouvintes e com deficiência auditiva
Coordenação Geral de Ensino	Pedagoga	Acompanhar e avaliar o processo de ensino-aprendizagem, desde o planejamento das aulas até a execução das mesmas

PESQUISAS ANTIRRACISTAS NO PROJETO AFROCIENTISTA

Coordenação Geral de Ensino	Técnica em Assuntos Educacionais	Coordenar as atividades de ensino, planejamento, orientação, supervisionando e avaliando estas atividades, para assegurar que não a regularidade
Coordenação Geral de Ensino	Auxiliar de Biblioteca	Auxilia nos serviços de aquisição, classificação, organização, conservação e guarda de livros, revistas e jornais na biblioteca, utilizando regras de controle de entrada e saída
Coordenação Geral de Ensino	Assistente de Aluno	Assistir e orientar os alunos no aspecto de disciplina, lazer, segurança, saúde, pontualidade e higiene, nas dependências escolares
Coordenação Geral de Ensino	Técnico em alimento e laticínio	Planejar e coordenar as atividades relacionadas à produção alimentícia e à aquisição e manutenção de equipamentos
Coordenação Geral de Ensino	Auxiliar em Administração	Executar serviços de apoio nas áreas de recursos humanos, administração, finanças e logística, bem como, tratar documentos variados, preparar relatórios e planilhas, cumprindo todo o procedimento necessário referente aos mesmos.
Coordenação de Registro e Controle Acadêmico	Pedagoga	Acompanhar e avaliar o processo de ensino-aprendizagem, desde o planejamento das aulas até a execução das mesmas

MULHERES NEGRAS NUMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO FEDERAL
Isabelle Lopes e Luciane Ribeiro Dias Gonçalves

Coordenação de Registro e Controle Acadêmico	Assistente em administração	Preparar relatórios, formulários e planilhas: Coletar dados; elaborar planilhas de cálculos; confeccionar organogramas, fluxogramas e cronogramas
Coordenação de Apoio ao Estudante	Psicóloga	Processos intrapessoais e das relações interpessoais, possibilitando a compreensão do comportamento humano individual e de grupo
Coordenação de Apoio ao Estudante	Assistente em Administração	Preparar relatórios, formulários e planilhas: Coletar dados; elaborar planilhas de cálculos; confeccionar organogramas, fluxogramas e cronogramas
Coordenação do Curso de Agroindústria	Professora EBTT	Atuar na oferta do Atendimento Educacional Especializado nas formas de complementação e suplementação
Coordenação do Curso de Química	Professora EBTT	Atuar na oferta do Atendimento Educacional Especializado nas formas de complementação e suplementação
Coordenação do Curso de Análise e Desenvolvimento de Sistemas	Professora EBTT	Atuar na oferta do Atendimento Educacional Especializado nas formas de complementação e suplementação
Coordenação de Extensão	Professora EBTT	Atuar na oferta do Atendimento Educacional Especializado nas formas de complementação e suplementação

PESQUISAS ANTIRRACISTAS NO PROJETO AFROCIENTISTA

Coordenação de Processos Químicos	Professora EBTT	Atuar na oferta do Atendimento Educacional Especializado nas formas de complementação e suplementação
Coordenação de Alimentos	Professora EBTT	Atuar na oferta do Atendimento Educacional Especializado nas formas de complementação e suplementação
Coordenação de De Atendimento Às Pessoas Com Necessidades Específicas	Auxiliar em Administração	Executar serviços de apoio nas áreas de recursos humanos, administração, finanças e logística, bem como, tratar documentos variados, preparar relatórios e planilhas, cumprindo todo o procedimento necessário referente aos mesmos.
Coordenação do Curso De Bacharelado Em Administração	Professora EBTT	Atuar na oferta do Atendimento Educacional Especializado nas formas de complementação e suplementação
Secretaria Da Direção Geral	Auxiliar de Biblioteca	Auxilia nos serviços de aquisição, classificação, organização, conservação e guarda de livros, revistas e jornais na biblioteca, utilizando regras de controle de entrada e saída

Fonte: Organograma IFTM.

Observando o quadro de atribuições de cada cargo existente no IFTM, buscamos compreender quais eram os funcionários/as negros/as e as funções desempenhadas na instituição. Seguimos com a tabela abaixo:

Tabela 2 quantidade de funcionários que se autodeclararam negros/as:

Coordenação	Quantidade	Autodeclaradas negras
Coordenação Geral de Administração e Planejamento	1	0
Coordenação Geral de Administração e Planejamento	1	0
Coordenação Geral de Administração e Planejamento	1	0
Coordenação de Licitações	1	0
Coordenação de Licitações	1	0
Coordenação Orçamentária e Financeira	1	0
Coordenação Orçamentária e Financeira	1	0
Coordenação de Gestão de Pessoas	1	0
Coordenação Geral de Ensino	23	sim (uma)
Coordenação Geral de Ensino	1	0
Coordenação Geral de Ensino	1	0
Coordenação Geral de Ensino	1	0
Coordenação Geral de Ensino	2	0
Coordenação Geral de Ensino	3	0
Coordenação Geral de Ensino	1	0
Coordenação Geral de Ensino	1	0
Coordenação Geral de Ensino	1	0

PESQUISAS ANTIRRACISTAS NO PROJETO AFROCIENTISTA

Coordenação Geral de Ensino	1	0
Coordenação Geral de Ensino	1	0
Coordenação Geral de Ensino	1	0
Coordenação de Registro e Controle Acadêmico	1	0
Coordenação de Registro e Controle Acadêmico	1	sim (uma)
Coordenação de Apoio ao Estudante	1	0
Coordenação de Apoio ao Estudante	1	0
Coordenação do Curso de Agroindústria	1	0
Coordenação do Curso de Química	1	sim (uma)
Coordenação do Curso de Análise e Desenvolvimento de Sistemas	1	0
Coordenação de Extensão	1	0
Coordenação de Processos Químicos	1	0
Coordenação de Alimentos	1	0
Coordenação de De Atendimento Às Pessoas Com Necessidades Específicas	1	0
Coordenação do Curso De Bacharelado Em Administração	1	0
Secretaria Da Direção Geral	1	0

Fonte: Organograma IFTM.

Observando os dados coletados, podemos inferir que de trinta e três coordenações existentes no organograma do IFTM, apenas três delas são coordenadas por funcionárias negras: coordenação geral de ensino, coordenação de registro e controle acadêmico e coordenação do curso de química. Destaca-se que são todas mulheres negras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo sendo este um estudo de caso exploratório inicial, conseguimos compreender que as marcas históricas de inferiorização da população negra ainda persistem e mantêm o afastamento de pessoas negras das ocupações de chefia. Diante dos dados sobre os funcionários do IFTM e sua autodeclaração étnico-racial, percebemos que o cenário nacional, resultado do racismo estrutural, é reproduzido nesta instituição. O tratamento dos dados ainda são iniciais e merecerão novos tratamentos futuros. Indicamos para novas pesquisas.

REFERÊNCIAS

IBGE. **Pessoas pretas e pardas continuam com menor acesso a emprego, educação, segurança e saneamento**, 2022. Disponível em: <[RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento, 2017. 112 p.](https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/35467-pessoas-pretas-e-pardas-continuam-com-menor-acesso-a-emprego-educacao-seguranca-e-saneamento#:~:text=O%20rendimento%20m%C3%A9dio%20dos%20trabalhadores,ocupavam%2069%2C0%25%20deles.>. Acessado em: 17 de dez. de 2023.</p></div><div data-bbox=)





“

**A transição capilar resgata
identidades e empodera mulheres
negras.**

Maria dos Santos Silva

”

TRANSIÇÃO CAPILAR DE MULHERES NEGRAS EM ITUIUTABA

Maria dos Santos Silva
Damires dos Santos Pereira

Introdução

As mulheres negras que passam pelo processo de transição capilar estão resgatando a sua identidade, não é um processo fácil, mas quando acaba é muito gratificante. Eu já passei pelo processo de transição e me redescobri pelo caminho, na minha infância meus cachos eram tão bonitos, mas com o tempo, eu não conseguia mais me ver e me sentir bem com o meu cabelo, a influência das pessoas, mídias e até mesmo familiares me fizeram acreditar que o cabelo liso era o mais bonito.

A minha adolescência praticamente toda foi alisando o meu cabelo, o meu processo de transição capilar começou quando ganhei um creme para cachos do meu tio, e nesse dia tive a coragem de sair com o meu cabelo natural e de me redescobrir como mulher negra, resgatando a minha identidade. Minhas vivências me motivaram a conhecer o processo de outras mulheres negras e pesquisar sobre o tema. Sou uma mulher negra, passei pelo processo de transição e amo o meu cabelo, quero que através dessa pesquisa as mulheres negras se identifiquem e que se empoderem com o seu cabelo natural.

Essa pesquisa tem o intuito de conhecer a percepção de outras mulheres negras, o motivo que as fizeram passar pelo processo de transição e contar um pouco da história do cabelo delas. A pesquisa planeja estudar o motivo que levaram, e ainda levam, as mulheres negras a alisar o cabelo. Este estudo pode trazer mais visibilidade para o tema mencionado, já que não é muito falado pela sociedade. Além de poder, incentivar mulheres negras no processo de transição. O cabelo sendo ondulado, cacheado ou crespo é maravilhoso, ele é

parte da identidade da população negra, não deixemos que isso se apague, é necessário fortalecer nossa identidade.

Foi realizado um levantamento bibliográfico a partir de livros que abordavam o tema, sendo eles: “Que cabelo é esse? Meu cabelo, minha identidade”, de Darline Silva, o qual retrata a história do cabelo da autora com abordagens muito interessantes; “Tudo nela é de se amar” de Luciene Nascimento, com a escrita em forma de poemas, ela aborda vários tópicos e acontecimentos em torno da identidade negra, principalmente o cabelo, citando em uma parte do livro a escritora bell hooks.

Metodologia

A pesquisa realizada utiliza-se da abordagem qualitativa, ou seja, ela visou compreender o tema a partir da explicação, por tanto aqui se valorizou muito mais o conteúdo do que necessariamente a quantidade. Quanto a sua natureza, ela é básica, tendo a intenção de aprofundar o conhecimento em relação ao tema escolhido, Tumelero (2019).

No que se refere aos objetivos, esta é uma pesquisa exploratória, ela objetivou compreender melhor sobre o processo de transição capilar das mulheres negras de Ituiutaba, foi um estudo que explorou um tema pouco abordado. Os procedimentos utilizados foram a pesquisa bibliográfica e de campo. A fonte escolhida foi o questionário online. Para alcançar o objetivo foi criado um formulário pela plataforma do Google Forms, com 8 perguntas divididas em 3 partes, a primeira foi sobre identificação, a segunda sobre processo de transição capilar e a última parte eram perguntas abertas com o intuito de saber sobre a relação com o cabelo. O formulário foi disponibilizado em grupos de WhatsApp, ficou aberto 3 dias e ao todo foram obtidas 13 respostas.

Análise dos Resultados

Foram destacadas duas respostas abertas do formulário que apresentam diferentes vivências. A primeira mulher (M1) relata ter total liberdade para usar o cabelo da forma que ela quiser, e indica que nem sempre alisar o cabelo é por conta de vivências ruins. A relação dela com o cabelo teve total influência em como ela se ver e o amor-próprio que cultivava em todas as suas versões.

M1: Já fiz de tudo no meu cabelo, ele já teve várias cores e tamanhos, já foi liso, cacheado, com tranças... sempre adorei o meu cabelo, independente da sua forma. Hoje ele está liso e estou deixando ele crescer :) Sou parda de cabelo liso e adoro ele, tanto faz se está liso, enrolado ou com tranças. Nem sempre alisamos o cabelo pra se adaptar, às vezes fazemos isso porque é muito mais prático. As tranças também são, mas gasta muito dinheiro. Vocês fizeram uma pergunta obrigatória sobre por qual motivo alisei o meu cabelo e, sinceramente, não foi nenhum daqueles motivos. Alisar o cabelo nem sempre é algo ruim ou coisa do tipo. Eu alisei porque é bem mais prático e fácil de cuidar.

Na segunda resposta nota-se, que principalmente na infância, a M2 teve interferências no seu processo de se entender como mulher negra e construir o amor-próprio. Isso mostra como falas carregadas de estereótipos e racismo podem machucar mulheres negras de forma dolorosa:

M2: Bom como alisei meu cabelo muito cedo já não me lembro de como ele era ao certo, apenas do grande volume que independente de estar liso ou cacheado ele tem. Fiz essa mudança por sofrer preconceito não só dos colegas mais por parte de uma professora da creche que jamais vou esquecer pois ela disse uma fala infeliz sobre meu cabelo na frente dos meus colegas que marcou e me fez não ver o meu cabelo como algo bonito mas sim algo que me fazia feia e alvo de maus tratos. Isso interferiu no processo de me entender e me amar como sou.

O livro “Que cabelo é esse? Meu cabelo, minha identidade” de Darline Silva conta a história do seu cabelo, como ela passou pelo processo de transição capilar e encarou todo o preconceito. A sua convivência com pessoas diferentes e ideias diferentes permitiu-lhe ter uma visão diferente. O começo do seu processo de alisamento foi por ausência de representatividade e por influência da mãe. É interessante ela querer entender o preconceito da mãe, pois, ao ter ausência de representatividade é difícil fortalecer a autoimagem, e quando não há amor-próprio não se consegue reverter a ideia de que só o cabelo liso é bonito, tendo em vista que a sociedade tenta a todo custo embranquecer o povo preto. Segundo Silva (2023, p. 16) “Uma negra filha de uma mãe branca, que viveu a sua vida inteira com o cabelo alisado, ouvindo que bonito é o cabelo liso, sofrendo preconceito racial, nunca aprendeu a amar sua beleza negra”.

No livro “Tudo nela é de se amar” a autora Luciene Nascimento diz que sua avó recordava de bell hooks “explicando pacientemente ao mundo a profunda relação que as mulheres de seu tempo possuíam com os rituais de adornos, especialmente o ato de alisar os cabelos, como uma experiência de autocuidado, nos moldes que reconheciam ser possíveis”(Nascimento, 2021, p.56).

A escritora bell hooks no artigo “Alisando nosso cabelo” cita:

Apesar das diversas mudanças na política racial, as mulheres negras continuam obcecadas com os seus cabelos, e o alisamento ainda é considerado um assunto sério. Insistem em se aproveitar da insegurança que nós, mulheres negras sentimos com respeito a nosso valor na sociedade de supremacia branca! (hooks, 2014).

Considerações

Os resultados da pesquisa contrariou o pressuposto inicial, que presumia que mulheres negras perdiam a sua identidade com o alisamento do seu cabelo, e uma das respostas, a qual foi analisada aqui, esteve em discordância com a expectativa deste estudo.

Uma das perguntas questionava os fatores que levavam as mulheres negras a alisar o cabelo, e o fator predominante nas respostas era a falta de representatividade. Em um trecho do artigo de Roberta Melo, ela diz que “Em 1950 a TV chega ao Brasil e só em 1997 uma atriz negra protagoniza uma telenovela. Thais Araujo foi a primeira protagonista negra na teledramaturgia brasileira, vivendo Chica da Silva, novela exibida pela TV Manchete. (Melo, 2016, p.4) ”

A partir dessa informação conclui-se que 47 anos depois do surgimento da televisão teve uma representatividade negra nas telenovelas, a famosa novela, *Chica Da Silva*, que ainda assim trazia representações estereotipadas sobre a mulher negra. Isso mostra o quanto a representatividade é importante para a afirmação da identidade de mulheres negras.

Conclui-se que os estigmas associados à ideia de que cabelo liso é esteticamente mais bonito, tornando-as mais facilmente aceitas na sociedade, está diretamente relacionado à falta de representatividade de mulheres negras na sociedade. Para promover a inclusão, é crucial reconhecer essas questões, valorizando a beleza em todas as suas formas. As mídias com o passar do tempo evoluíram, passou a incluir mulheres negras na televisão, filmes, internet, educação e na política. Conforme os relatos obtidos no questionário online, a transição capilar representou uma mudança significativa em suas vidas, que variam conforme a vivência individual.

Referências

HOOKS, B. **Alisando o nosso cabelo, por bell hooks**. 2014. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/alisando-o-nosso-cabelo-por-bell-hooks/>. Acesso em: 1 nov. 2023.

MELO, R. K. A. de. A representação do negro nas telenovelas. 2016. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/A-REPRESENTA%C3%87%C3%83O-DO-NEGRO-NAS-TELENOVELAS-Melo/23c32d6f8f8a36c937946c765e1cc6a62957b320>. Acesso em: 20 out. 2023.

NASCIMENTO, L. **Tudo nela é de se amar**: a pele que habito e outros poemas sobre a jornada da mulher negra. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2021. p. 144.

RIBEIRO, S. **Minha transição capilar**. 2016. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/minha-transicao-capilar/>. Acesso em: 01 nov. 2023.

SILVA, D. **Que cabelo é esse?** Meu cabelo, minha identidade. Maceió-Al: Juventud. Maio, 2023. p. 27.

TUMELERO, N. **Um guia rápido sobre metodologia da pesquisa**. 2019. Disponível em: <https://blog.mettzer.com/metodologia-de-pesquisa/#:~:text=A%20metodologia%20de%20pesquisa%20nada,se%20deve%20seguir%20%C3%A0%20risca>. Acesso em: 01 nov. 2023.



Biodata Organizadores



LUCIANE RIBEIRO DIAS GONÇALVES - Realizou estágio pós-doutoral na Universidade de Coimbra - Portugal, no Centro de estudos Sociais - CES/UC (2015-2016). É doutora em 181 Educação pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP (2011) - UNICAMP, mestre em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia - UFU (2004) e graduada em Matemática pela Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG (1987), graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG (1997). Atualmente é professora adjunta no Instituto de Ciências Humanas do Pontal - ICHPO / UFU, no curso de Pedagogia. Atua na formação inicial de professores na graduação em Pedagogia, ministrando disciplinas como Estágio Supervisionado, Movimentos sociais e gestão, Prointer Matemática e EJA. Atuou na formação continuada por meio de atividades da Rede Nacional de Formação de Professores - RENAFOR.



MARCELO VITOR RODRIGUES NOGUEIRA - Graduado em Licenciatura em Matemática pelo Instituto de Ciências Exatas e Naturais do Pontal (ICENP) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) (2021) Mestrando no Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECM) da Universidade Federal de Uberlândia. Coordenador do Projeto Afrocientista (2019/2021). Coordenador do Núcleo de estudos afro-brasileiros e Indígenas da Universidade Federal de Uberlândia (NEABi/UFU) desde (2018). Integrante do Núcleo de estudo e pesquisas sobre educação para as relações raciais e ações afirmativas da Universidade Federal de Uberlândia (NEPERE/UFU) desde (2017). Vice-presidente da ONG Vânia Lafit (2020). Presidente da Associação BAOBÁ (2020).



LAÍS RODRIGUES DOS SANTOS - Graduada em Pedagogia pelo Instituto de Ciências Humanas do Pontal (ICHPO) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). É bolsista e coordenadora do projeto Afrocientista pelo NEABi - Núcleo de Estudos Afrobrasileiros e Indígena (2023). Foi bolsista CAPES do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), no subprojeto Pedagogia "Alfabetização na perspectiva de Educação para Relações Étnico-raciais (2018-2019). Fez parte do Movimento Levante Popular da Juventude (2015-2017) e do Movimento Negro Marielle Presente (2018-2019) Tem experiência e interesse nas áreas de Educação, Relação professor-aluno, Educação para as relações étnico-raciais e Práticas docente.

Biodata Organizadores



JEFFERSON RAFAEL DE OLIVEIRA SOUZA - Graduando em Física pelo Instituto de Ciências Exatas e Naturais do Pontal (ICENP) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Membro do Núcleo de Estudos Afro Brasileiros e Indígenas (2018). Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação para as Relações étnico-raciais e Ações Afirmativas (NEPERE). Associado Fundador da Associação BAOBÁ. Bolsista do Projeto Transgressão (2018/2019) (PROEXC/UFU). Bolsista do Projeto V Acolhida Preta do edital Programa de Ocupação da Casa de Cultura Graça do Aché - edição remota (2 020) (PROEXC/UFU). Bolsista do Projeto VI Acolhida Preta do Edital Programa de Incentivo A cultura (2021) (PROEXC/UFU).

Galeria de Autores



Ana Clara Faria
Novais



Carlos Antônio dos
Santos



Carolina Marques
Domingues Oliveira



Damires dos Santos
Pereira



Gabriel Cândido
Paranhos da Silva



Hendrick Lucas N.
da Silva Santos



Herlan Oliveira
Matildes



Higor Gabriel Dias
Gonçalves



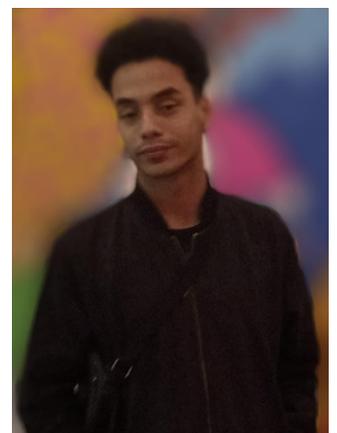
Humbeth Yan
Alves



Isabella Cristina
Teles Lopes



Lais Rodrigues dos
Santos



Leonardo Araujo
Borges

Galeria de Autores



**Luciane Ribeiro
Dias Gonçalves**



**Luiz Eduardo da
Silva Lopes**



**Marcelo Vitor
Rodrigues Nogueira**



**Maria dos Santos
Silva**



**Pedro Henrique
Silva Dutra**



**Tarcísio Luiz
Cândido**

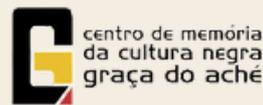
REALIZAÇÃO

Associação BAOBÁ
Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABi PONTAL)
Projeto Afrocientista
Centro de Memória da Cultura Negra Graça do Aché

APOIO

Universidade Federal de Uberlândia (UFU)
Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEXC UFU)
Pró-reitoria de Assuntos Estudantis (PROAE)
Diretoria de Cultura (DICULT)
Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação para as Relações Étnico-
Raciais e Ações Afirmativas (NEPERE)
Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN)
Projeto NJINGA
Instituto Unibanco
ONG VÂNIA LAFIT

REALIZAÇÃO



APOIO



